

MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL III

(2014)

Os dois primeiro ciclos – 2011 e 2012 – tiveram aceitação acima da esperada: realizados no auditório da Casa Amèrica Catalunya, os espetáculos foram muito bem recebidos por entusiasmado público, o que justifica este terceiro ciclo.

O objetivo dos ciclos é apresentar algumas relações entre a música popular e sua dimensão social brasileira, ou seja, suas amplas relações culturais (nas canções de autor, nas canções tradicionais, na música de carnaval, etc.)

Esta edição é dedicada à intertextualidade: as canções e seus diálogos com o folclore, com a literatura, com outras canções, com o fazer música.

O programa do ciclo:

23 de SETEMBRO – Carlinhos Pitera

Música e folclore – Aproveitamento de canções do folclore (exemplos: Canção folclórica = Boi da cara preta - Música de Dorival Caymmi = Acalanto / Canção folclórica = Teresinha de Jesus = Música de Chico Buarque = Teresinha)

1 de OUTUBRO – Paulinho Lemos

Música e intertextualidade literária – A música “recria” textos literários (exemplos: Quadrilha, poema de Carlos Drummond de Andrade = Até o fim, canção de Chico Buarque / No meio do caminho, poema de Carlos Drummond de Andrade = Itamarandiba, canção de Milton Nascimento e Fernando Brandt / Grande Sertão: Veredas, de João Guimarães Rosa = Casinha feliz, canção de Gilberto Gil / A terceira margem do rio, de João Guimarães Rosa = A terceira margem do rio, canção de Caetano Veloso e Milton Nascimento)

22 de OUTUBRO – Danilo Pinheiro e Lania Maia (NIKITI DUO)

Música e memória coletiva: o caso da Canção do exílio, poema de Gonçalves Dias. Inúmeras referências ao poema na literatura (Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, José Paulo Paes, Murilo Mendes) e na música (Sabiá, de Chico Buarque e Tom Jobim / Canção do expedicionário, de Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi).

Este concerto incluirá a leitura de vários poemas.

5 de NOVEMBRO – Guilherme Guimarães

Metalinguagem na canção brasileira – A música fala da música (exemplos: Certas canções, de Tunai e Milton Nascimento / Qualquer canção, de Chico Buarque / Língua, de Caetano Veloso)

26 de NOVEMBRO – Darlly Maia

Intertextualidade musical – Canção cita canção, autor cita autor (exemplos: Eu preciso aprender a ser só, de Marcos Valle = Eu preciso aprender a só ser, de Gilberto Gil / Galope, de Gonzaguinha = Baião-Vozes da Seca-Imbalança, de Luiz Gonzaga / Samba da bênção, Vinicius de Moraes e Baden Powell)

Consulado-Geral do Brasil / Centro Cultural do Brasil em Barcelona e Casa Amèrica Catalunya

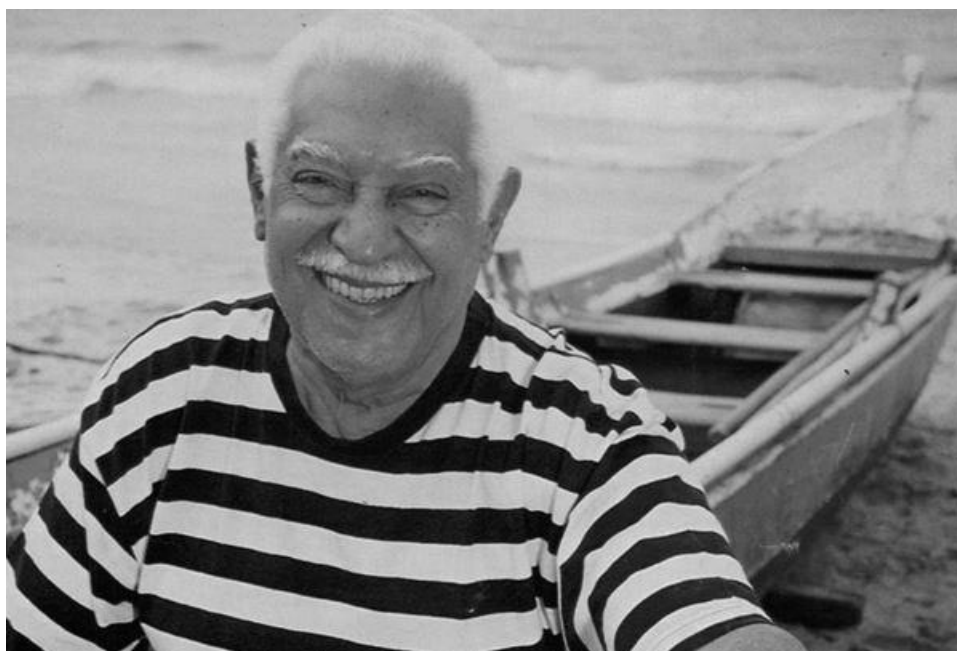
MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL III

Música e folclore

SETEMBRO 23 – Carlinhos Pitera



Este ciclo começa com uma homenagem a **Dorival Caymmi**, que teria completado 100 anos em 30 de abril deste ano.



Se o Todo-Poderoso não tivesse convocado Dorival Caymmi, com a sua voz inconfundível e inabalável e o seu violão magistral para cantar a Bahia poética, romântica, ingênua, negra e praieira lá no firmamento, ele teria completado 100 anos em 30 de abril. O cantor e compositor está presente num dos romances mais porretas da literatura mundial: *Dona Flor e Seus Dois Maridos*, do parceiro e amigo Jorge Amado. No livro, o escritor revela que Caymmi e Vadinho eram amigos do peito, e que juntos tomaram os primeiros tragos e vararam as primeiras madrugadas. E também houve o lance do siri-boceta. Dona Flor descobrira a verdadeira condição de Vadinho: pobre, sem vintém, funcionário chinfrim, picareta e facadista, cachaceiro, libertino e jogador. Temendo perdê-la, o malandro, já enrabichado pelos dotes da

morena, reuniu o melhor da boêmia baiana e orquestrou a inesquecível serenata da ladeira do Alvo. E lá estava Caymmi: *Quanto ao violão, dedilhava-o um moço querido de toda a gente por sua educação e alegria, seu jeito modesto e ao mesmo tempo fidalgo, sua competência no beber, sua finura de trato, e sua música: a qualidade única de seu violão, dele e de mais ninguém, e sua voz de mistério e picardia. Um retado.*

Entretanto, virada no cão, a mãe de dona Flor, o estrupício raivoso de Dona Rozilda, carne-de-pescoço, que se comparava à quarta-feira de cinzas, o término da alegria de qualquer um, não ia deixar barato e estava disposta a colocar todos para abrir o gás. Mas aí veio a última cartada: *Então todos viram Vadinho adiantar-se em direção a sua futura sogra e diante dela ao som da flauta, executar com perfeição e donaire, num catado de pé e num gingo de corpo, o passo do siri-boceta, o difícil e famoso passo do siri-boceta.*

A dancinha foi inventada por Caymmi. Relatos afirmam que há 30 anos ele apresentou pela última vez em público o passo do siri-boceta, com agilidade e maestria, apesar de já ser septuagenário – que nenhum dançarino de Axé music ouse imitá-lo.

Jorge Amado e Caymmi se consideravam irmãos gêmeos. Juntos compuseram alguns clássicos, como *É Doce Morrer no Mar*, *Modinha para Teresa Batista* e *Canto de Obá*. A amizade e afinidade era da grandeza do talento dos dois, multiplicado uma porção de vezes. Inclusive, *“se dizia que se Jorge fosse compositor, ele escreveria as músicas de Caymmi. E, se Caymmi fosse escritor, faria as obras de Jorge”*. Esses moços inventaram a Bahia. Que dupla retada, hein?!

Davidson Davis , maio 10, 2014 (<http://homoliteratus.com/>)

BOI DA CARA PRETA	ACALANTO
Boi, boi, boi, boi da cara preta, Pega essa menina Que tem medo de careta. Boi, boi, boi da cara branca, Pega essa menina Que tem medo de balança. Boi, boi, boi, boi da cara rosa, Pega essa menina Que tem medo de carroça. Boi, boi, boi, boi da cara azul, Pega essa menina Que tem medo de urubu. Boi, boi, boi, da cara marrom, Pega essa menina Que tem medo de batom. Boi, boi, boi, boi da cara roxa, Pega essa menina Que tem medo de alcachofra. Boi, boi, boi, da cara colorida,	Dorival Caymmi É tão tarde, a manhã já vem... Todos dormem, a noite também. Só eu velo por você meu bem. Dorme anjo, o boi pega neném. Lá no céu deixam de cantar Os anjinhos foram se deitar Mamãezinha precisa descansar Dorme anjo, papai vai lhe ninar. Boi, boi, boi, boi da cara preta, Pega essa menina que tem medo de careta.

Pega essa menina Que tem medo de formiga.	
--	--

ATIREI O PAU NO GATO Atirei o pau no gato tô tô Mas o gato tô tô Não morreu reu reu Dona Chica cá Admirou-se se Do berro, do berro que o gato deu: Miau!	FRANCISCA SANTOS DAS FLORES Dorival Caymmi Francisca Santos das Flores É dona dos meus amores Mas não sabia de nada Francisca Santos das Flores Que não sabia das dores Que seu amado amargava Das longas noites passadas A contemplar as sacadas Da casa da sua amada Na condição de amante De amada que não sabia Que tantos males causava Mas certo dia acabou-se A timidez que impedia E o pobre falou de amores Pondo de lado temores E nesse dia ela ouvia Francisca Santos das Flores Dona Chica ca Ca Admirou-se se De que houvesse um amor tão grande assim Dona Chica ca ca Admirou-se se De que houvesse um amor tão grande assim Dona Chica ca ca Admirou-se se De que houvesse um amor tão grande assim
--	---

FUI NO TORORÓ Eu fui no Tororó Beber água e não achei. Achei linda morena Que no Tororó deixei. Aproveite minha gente Que uma noite não é nada. Se não dormir agora Dormirá de madrugada. Ó Mariazinha!	TORORÓ Edu Lobo - Chico Buarque/1987-1988 Para o balé <i>Dança da meia-lua</i> Eu fui no Tororó Beber água, não achei Achei bela morena Que no Tororó deixei Pra que, morena Ah, pra que carinho Ah, pra que desejo
---	---

Ó Mariazinha! Entre nesta roda E dançará sozinha. Sozinha eu não fico Nem hei de ficar Pois eu tenho alguém Para ser meu par.	Pra acabar sozinho Antes da mulher Era o homem só Era sem querer Era sem amor Era sem penar Era sem suor Era sem mulher Era bem melhor Deus fez a fêmea e depois Que ela encompou, nunca mais Que um mais um foram dois E caíram de quatro os animais E tome praga no arroz Rebelião nos currais Ficou o homem feroz E estranhou seus iguais Antes da mulher Era um dissabor Era um desprazer Que fazia dó Homem sem mulher Era quase um pó Que ficava em pé Era um saco só Dentro da fêmea Deus pôs Lagos e grutas, canais Carnes e curva e cóis Seduções e pecados infernais Em nome dela, depois Criou perfumes, cristais O campo de girassóis E as noites de paz
--	---

NESTA RUA TEM UM BOSQUE Nesta rua, nesta rua tem um bosque Que se chama, que se chama solidão Dentro dele, dentro dele mora um anjo Que roubou, que roubou meu coração Se eu roubei, seu eu roubei teu coração Tu roubaste, roubaste o meu também Se eu roubei, se eu roubei teu coração É porque, é porque te quero bem Se esta rua, se esta rua fosse minha	ATÉ PENSEI Chico Buarque Junto à minha rua havia um bosque Que um muro alto proibia Lá todo balão caia, toda maçã nascia E o dono do bosque nem via Do lado de lá tanta aventura E eu a espreitar na noite escura A dedilhar essa modinha A felicidade morava tão vizinha Que, de tolo, até pensei que fosse minha Junto a mim morava a minha amada
--	--

Eu mandava, eu mandava ladrilhar Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhantes Para o meu, para o meu amor passar	Com olhos claros como o dia Lá o meu olhar vivia De sonho e fantasia E a dona dos olhos nem via Do lado de lá tanta ventura E eu a esperar pela ternura Que a enganar nunca me vinha Eu andava pobre, tão pobre de carinho Que, de tolo, até pensei que fosses minha Toda a dor da vida me ensinou essa modinha
---	--

Embora a Ciranda brasileira conserve muitas características das antigas Cirandas portuguesas, ela é praticada no Brasil em diferentes formas e modalidades. Enquanto em Portugal ela se consagrou como uma autêntica dança de adultos, no Brasil ela é vista ora como dança infantil ou roda cantada, ora como dança de adultos; com aspectos de Samba Rural e como finalização de fandango. Por vezes ela é denominada dança, outras um canto, outras é vista como música. Seus significados, dependendo da região, localidade e época contemplam diferenças consideráveis, daí os termos: Ciranda Praiana (litorânea); Ciranda da zona da mata; Ciranda da zona rural; Ciranda infantil, entre outros.

Maristela Loureiro e Sonia R. Albano de Lima

CIRANDA CIRANDINHA Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia-volta, volta e meia vamos dar O anel que tu me deste era vidro e se quebrou O amor que tu me tinhas era pouco e se acabou Por isso, D. Fulano entre dentro dessa roda Diga um verso bem bonito, diga adeus e vá-se embora A ciranda tem tres filhas Todas tres por batizar A mais velha delas todas Ciranda se vai chamar	A.E.I.O.U. (1932) Noel Rosa e Lamartine Babo Uma, duas, angolinhas Finca o pé na pampulinha Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar A E I O U Dabliú, dabliú Na cartilha da Juju, Juju A E I O U Dabliú, dabliú Na cartilha da Juju, Juju A Juju já sabe ler, a Juju sabe escrever Há dez anos na cartilha A Juju já sabe ler, a Juju sabe escrever Escreve sal com cê-cedilha! Sabe conta de somar, sabe até multiplicar Mas, na divisão se enrasca Outro dia fez um feio Pois partindo um queijo ao meio Quis me dar somente a casca! Sabe História Natural, sabe História Universal Mas não sabe Geografia Pois com um cabo se atracando Na bacia navegando, foi pra Ásia e teve azia
---	---

Canções infantis “de ofício”

PASSA, PASSA, GAVIÃO¹⁸

A (refrão)
*Passa, passa, gavião
 Todo mundo passa* } bis

B
*As lavadeiras fazem assim (bis)
 Assim, assim (bis)
 Os sapateiros fazem assim...
 As cozinheiras fazem assim... etc.*

FORMAÇÃO: Formando uma ponte (como nas quadrilhas das festas juninas), as crianças *passam* por ela enquanto cantam a primeira parte: “Passa, passa, gavião...”, e param em seguida para simular as diferentes profissões que aparecem na segunda parte.

PASSA, PASSA, GAVIÃO	PASSA, PASSA, GAVIÃO
(O que faz um cavaleiro ou um carpinteiro? As crianças imitam esses e outros trabalhadores)	Sidney Miller
Passa, passa, Gavião, Todo mundo é bom.	Passa, passa, gavião Todo mundo é bom Passa, passa, gavião Todo mundo é bom
Os cavaleiros fazem assim, Os cavaleiros fazem assim, Assim, assim, Assim, assim.	Passa o tempo na janela Vejo tudo que se passa Passa o dia, passa a hora Passa a pressa de ir embora Passa o pranto de quem chora Passa o verso de quem canta Passa a dor e a dor é tanta Que eu nem sei por onde mora
As lavadeiras fazem assim, As lavadeiras fazem assim, Assim, assim, Assim, assim	Passa, passa, gavião Todo mundo é bom Passa, passa, gavião Todo mundo é bom
Os carpinteiros fazem assim, Os carpinteiros fazem assim, Assim, assim, Assim, assim.	Minha tristeza faz assim Sei que a tristeza vai ter fim Minha certeza quer assim Meu coração diga que sim
Os sapateiros fazem assim, Os sapateiros fazem assim, Assim, assim, Assim, assim.	Com sinceridade Me responda agora Se a felicidade

	Passará por mim Passa, passa, gavião Todo mundo é bom Passa, passa, gavião Todo mundo é bom Peça a Deus, minha senhora Que passou por mim agora Que esse sol que hora levanta Nunca mais se vá embora Pra que eu possa estar contente Pra passar por toda gente Pra cantar com a minha gente Pela vida afora Passa, passa, gavião Todo mundo é bom Passa, passa, gavião Todo mundo é bom
--	---

MARINHEIRO SÓ (folclore baiano – de capoeira)

Eu não sou daqui
 Marinheiro só
 Eu não tenho amor
 Eu sou da Bahia
 E de São Salvador

Ô marinheiro, marinheiro
 Que te ensinou a nadar
 Foi o tombo do navio
 Ou foi o balanço do mar

Lá vem, lá vem
 Como ele vem faceiro
 Todo de branco
 Com seu bonezinho

MARGARIDA

Margarida, de Gutemberg Guarabira, foi a vencedora do Festival Internacional da Canção do Rio de Janeiro de 1967. Segundo seu compositor, foi criada a partir de uma brincadeira entre ele e o também compositor Sidney Miller.

Ambos se desafiaram a compor músicas com base em canções folclóricas, a exemplo do que fizera Dorival Caymmi com *“Boi da cara Preta”*. Sidney compôs *“Marre de Cy”*, Guarabira teve a felicidade de se lembrar de uma desilusão amorosa que teve quando

tinha 16 anos e também do refrão de uma canção de roda francesa chamada "Seche tes Larmes, Marie" (Enxugue suas lágrimas, Maria).

Guarabira, em uma entrevista a Júlio de Cesar Barros, tenta explicar a vitória da música:

"[...] até pode ser o caráter tranquilo e despojado da música a razão de ter vencido. Outro dia estive com um compositor concorrente no mesmo festival e brinquei que minha música só tinha vencido porque todas as outras eram tristes e a minha era a única aragem fresca da manhã em toda aquela noite de tempestades pela qual o Brasil passava na época. Além disso, hoje sei que o público interpretava em mim uma espécie de símbolo daquilo que os heróis populares geralmente representam. Eu era apenas um menino anônimo, 19 anos à época, chegado do sertão longínquo do rio São Francisco, sobrevivendo na cidade grande às custas de um emprego humilde de office-boy etc. Portanto, aquele apoio todo da população do Rio, milhares de pessoas enfeitadas de margarida fazendo um verdadeiro carnaval no Maracanãzinho e também por toda a cidade, onde a flor virou moda, tinha por trás uma força humana alheia à luta política que se desenrolava. Isso pegou todo mundo de surpresa. Inclusive eu, claro."

<http://www.constelar.com.br/revista/edicao60/margarida1.htm>

MARGARIDA (A Margarida fica no centro da roda e outra, fora da roda, canta:) Onde está a Margarida? Olê, olê, olá Onde está a Margarida? Olê, seus cavalheiros (Todos da roda cantam:) Ela está em seu castelo Olê, olê, olá Ela está em seu castelo Olê, seus cavalheiros (A menina do lado de fora canta:) Eu queria vê-la Olê, olê, olá Eu queria vê-la Olê, seus cavalheiros (Todos da roda:) Mas o muro é muito alto Olê, olê, olá Mas o muro é muito alto Olê, seus cavalheiros (A menina de fora tira alguém da roda e canta:) Tirando uma pedra Olê, olê, olá Tirando uma pedra	MARGARIDA Gutemberg Guarabira Andei, terras do meu reino em vão Por senhora que perdi E por quem fui descobrir Não me crer mais rei e aqui me encerrei Sou cantor e cantarei Que em procuras de amor morri, ai Dor que no meu tempo dói Que destróis assim de mim Bem sei que eu achei enfim E que adianto a dor Mas me queimou Pois por não saber de amor Ela ainda rainha está E ela está em seu castelo, olê, olê, olá E ela está em seu castelo, olê, seus cavaleiros Ora peçam que apareça Pois por mais que eu ofereça Mais que evita essa senhora Eu já fui rei, já fui cantor Vou ser guerreiro, um perfeito cavaleiro Armadura, escudo, espada Pra seguir na escalada, Belo motivo, é por amor que vou lutando
--	---

Olê, seus cavalheiros (Todos da roda:) Uma pedra não faz falta Olê, olê, olá Uma pedra não faz falta Olê, seus cavalheiros (A menina de fora vai tirando um por um da roda e, a cada "pedra" retirada, as crianças da roda cantam: "...duas pedras não faz falta, três pedras...", até sair a última. Quando ficar só a Margarida, todos cantam:) Apareceu a Margarida Olê, olê, olá Apareceu a Margarida Olê, seus cavalheiros.	E pelas pedras do castelo Como eu já vou retirando E retirando uma pedra, olê, olê, olá Mais uma pedra não faz falta, olê, seus cavaleiros Que ainda correm pelo mundo Ouçam só por segundo, eu acabo de vencer Retirei pedras de orgulho, majestades, Deixei todas de humildades, de amores sem reinado Ela então se me rendeu Eu já fui rei, já fui cantor, já fui guerreiro E agora enfim sou companheiro Da mulher que apareceu E apareceu a Margarida, olê, olê, olá E apareceu a Margarida, olê, seus cavaleiros
---	--

Fruto da "brincadeira" entre Sidney Miller e Gutemberg Guarabira

EU SOU POBRE, POBRE Eu sou pobre, pobre, pobre, De marré, marré, marré. Eu sou pobre, pobre, pobre, De marré deci. Eu sou rica, rica, rica, De marré, marré, marré. Eu sou rica, rica, rica, De marré deci. Eu queria uma de vossas filhas, De marré, marré, marré. Eu queria uma de vossas filhas, De marré deci. Escolhei a qual quiser, De marré, marré, marré. Escolhei a qual quiser, De marré deci. Eu queria (nome da pessoa), De marré, marré, marré, Eu queria (nome da pessoa), De marré deci. Que ofício dais a ela ? De marré, marré, marré. Que ofício dais a ela ? De marré deci. Dou o ofício de (nome do ofício) De marré, marré, marré. Dou o ofício de (nome do ofício), De marré deci.	MARRÉ-DE-CY Sidney Miller Eu sou pobre, pobre, pobre De marré, marré-de-cy Meu sorriso não encobre Tudo quanto eu padeci Tantos sonhos eu vivia Tantas vidas eu perdi Só pra dar-te uma alegria Que eu guardei, guardei pra ti Dar-te a flor mais perfumada Dentre as flores que eu colhi Da mais bela madrugada Dar-te a estrela que escolhi Para ser eterna amiga Pelas noites que eu vivi Procurando uma cantiga Pra cantar perto de ti Perguntou seu pai Pela vida passarela Que ofício dás a ela? Dou-lhe ofício de mulher Respondeu seu pai Esse ofício me agrada Seja imensa a tua estrada Bem feliz, se Deus quiser Ah, se um dia eu fosse rico Compraria um violão Cantaria a noite inteira
--	---

Este ofício me agrada (ou não) De marré, marré, marré. Este ofício me agrada (ou não) De marré deci. Lá se foi a (nome da pessoa), De marré, marré, marré. Lá se foi a (nome da pessoa), De marré deci. Pra terminar : Eu de pobre fiquei rica. De marré, marré, marré. Eu de rica fiquei pobre, De marré deci	Dormiria em sua mão Sonharia uma roseira Que eu plantei quando esqueci Que eu sou pobre, pobre, pobre De marre, marré-de-cy
--	---

CAICÓ

Em muitas composições eruditas transparecem os padrões, estrutura ou melodias do folclore da terra natal do compositor. Tal efeito foi deliberadamente procurado durante o século XIX com o surgimento das escolas nacionalistas de música, que pesquisaram as raízes populares para criar novos modos de expressão ou novos estilos. Canções populares foram recriadas, ou serviram como base rítmica de elaboradas e grandes obras orquestrais de autores célebres como Chopin, Albéniz, Grieg e, posteriormente, Bartók, Manuel de Falla, Gershwin e Villa-Lobos.

Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

No Brasil, o espírito da música nova fez-se evidente na pessoa e na obra de Heitor Villa-Lobos (1887-1959). A ele foi atribuída “a descoberta musical do Brasil”. Sua inspiração de força vulcânica embasou-se no folclore nacional e misturou-se a influências de Debussy, Stravinsky e Bach. Com essas influências pode-se denotar a presença de elementos da musicalidade folclórica brasileira, o que confere à música nacional a mesma dignidade da música europeia. Nas Bachianas brasileiras nº 4, o tema principal é a conhecida canção folclórica “ó mana deixa eu ir, ó mana eu vou só. Ó mana deixa eu ir pro sertão de Caicó”. A apreciação e o entendimento do espírito de sua obra possibilita a aproximação de um caráter incomum do povo brasileiro, latente na região Nordeste do país, repleta de sentimentos de bravura diante das misérias materiais.

Hermes Soares dos Santos - O encanto da música e a música encantada: ensaio sobre música e sociedade - Rev. Fac. Educ. UFG, 29 (2): 245-265, jul./dez. 2004

Ó, mana, deixa eu ir
 Ó, mana, eu vou só
 Ó, mana, deixa eu ir
 para o sertão do Caicó

Eu vou cantando
 com uma aliança no dedo

eu aqui só tenho medo
do mestre Zé Mariano

Mariazinha botou flores na janela
pensando em vestido branco
véu e flores na capela

TERESINHA DE JESUS Terezinha de Jesus deu uma queda Foi ao chão Acudiram três cavalheiros Todos três chapéu na mão O primeiro foi seu pai O segundo seu irmão O terceiro foi aquele Que a Tereza deu a mão Quanta laranja madura Quanto limão pelo chão Quanto sangue derramado Dentro do meu coração Terezinha levantou-se Levantou-se lá do chão E sorrindo disse ao noivo Eu te dou meu coração Da laranja quero um bago Da maçã quero um pedaço Da menina mais bonita Quero um beijo e um abraço	TERESINHA (1978) Chico Buarque Para a ÓPERA DO MALANDRO, de Chico Buarque, cujo texto é baseado na Ópera dos mendigos (1728), de John Gay, e na Ópera de três vinténs (1928), de Bertolt Brecht e Kurt Weill. O primeiro me chegou como quem vem do florista Trouxe um bicho de pelúcia, trouxe um broche de ametista Me contou suas viagens e as vantagens que ele tinha Me mostrou o seu relógio, me chamava de rainha Me encontrou tão desarmada que tocou meu coração Mas não me negava nada, e assustada, eu disse não O segundo me chegou como quem chega do bar Trouxe um litro de aguardente tão amarga de tragar Indagou o meu passado e cheirou minha comida Vasculhou minha gaveta me chamava de perdida Me encontrou tão desarmada que arranhou meu coração Mas não me entregava nada, e assustada, eu disse não O terceiro me chegou como quem chega do nada Ele não me trouxe nada também nada perguntou Mal sei como ele se chama mas entendo o que ele quer Se deitou na minha cama e me chama de mulher Foi chegando sorrateiro e antes que eu dissesse não Se instalou feito um posseiro dentro do meu coração
---	---

PRENDA MINHA (Folclore gaúcho)

Vou-me embora
Vou-me embora
Prenda minha
Tenho muito que fazer

Tenho de ir para o rodeio
Prenda minha
No campo do bem querer

Noite escura
Noite escura
Prenda minha
Toda noite me atentou...

Quando foi de madrugada
Prenda minha
Foi-se embora e me deixou

Troncos secos deram frutos
Prenda minha
Coração reverdeceu

Riu-se a própria natureza
Prenda minha
No dia em que
O amor nasceu

Noite escura
Noite escura
Prenda minha
Toda noite me atentou...

Quando foi de madrugada
Prenda minha
Foi-se embora e me deixou



Cantor e compositor, **Carlinhos Pitera** tem, entre intérpretes de suas composições, Jair Rodrigues, Xuxa, Agepê, Originais do Samba, Só para Contrariar.

Vive há mais de 10 anos em Barcelona, onde já fez inúmeros concertos e gravou 3 CDs.

Participou do II Ciclo de Música e Sociedade, em 2012, com o tema “Música e filosofia”.

MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL – III Ciclo

1 de outubro de 2014

Paulinho Lêmos Música e intertextualidade literária

Cecília Meireles (1901-1964)

MOTIVO

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Irmão das coisas fugidias,
não sinto gozo nem tormento.
Atravesso noites e dias
no vento.

Se desmorono ou se edifico,
se permaneço ou me desfaço,
- não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.
Tem sangue eterno a asa ritmada.
E um dia sei que estarei mudo:
- mais nada.

A música "recria" textos literários

POEMA DE SETE FACES Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida. As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres. A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos. O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada. O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos , raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode. Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias que eu era fraco. Mundo mundo vasto mundo se eu me chamasse Raimundo, seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração. Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo.	ATÉ O FIM Chico Buarque/1978 Quando nasci veio um anjo safado O chato dum querubim E decretou que eu tava predestinado A ser errado assim Já de saída a minha estrada entortou Mas vou até o fim Inda garoto deixei de ir à escola Cassaram meu boletim Não sou ladrão, eu não sou bom de bola Nem posso ouvir clarim Um bom futuro é o que jamais me esperou Mas vou até o fim Eu bem que tenho ensaiado um progresso Virei cantor de festim Mamãe contou que eu faço um bruto sucesso Em Quixeramobim Não sei como o maracatu começou Mas vou até o fim Por conta de umas questões paralelas Quebraram meu bandolim Não querem mais ouvir as minhas mazelas E a minha voz chinfrim Criei barriga, minha mula empacou Mas vou até o fim Não tem cigarro, acabou minha renda Deu praga no meu capim Minha mulher fugiu com o dono da venda O que será de mim? Eu já nem lembro pronde mesmo que vou Mas vou até o fim Como já disse era um anjo safado O chato dum querubim Que decretou que eu tava predestinado A ser todo ruim Já de saída a minha estrada entortou Mas vou até o fim
---	--

//

SLIP

quando eu nasci, um anjo incompetente,
com uma das asas partidas, tentando
inutilmente se manter no ar,
me ordenou, imitando Drummond,
com voz gaga e articulação deficiente,
que eu me tornasse desenhista:
- vai, Millôr, vai ser guache na vida.

Millôr Fernandes



LET'S PLAY THAT

De Torquato Neto

"Quando nasci
um anjo louco solto pouco morto
veio ler a minha mão.
Não era um anjo
barroco.
Era um anjo louco, louco, louco
e com asas de avião.
E eis que o anjo me disse
apertando minha mão
entre um sorriso de dentes:
Vai, bicho, desafinar o coro dos contentes"

COM LICENÇA POÉTICA

Adélia Prado

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Guimarães Rosa

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

...

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxe, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — "Cê vai, ocê fique, você nunca volte!"

...

Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

Em "Primeiras Estórias", Editora Nova Fronteira - Rio de Janeiro, 1988, pág. 32

A TERCEIRA MARGEM DO RIO

Milton Nascimento e Caetano Veloso

Oco de pau que diz: eu sou madeira, beira
Boa, dá vau, triztriz, risca certa
Meio a meio o rio ri, silencioso, sério
Nosso pai não diz, diz: risca terceira

Água da palavra, água calada, pura
Água da palavra, água de rosa dura
Proa da palavra, duro silêncio, nosso pai,
Margem da palavra entre as escuras duas
Margens da palavra, clareira, luz madura
Rosa da palavra, puro silêncio, nosso pai

Meio a meio o rio ri por entre as árvores da vida
O rio riu, ri por sob a risca da canoa
O rio riu, ri o que ninguém jamais olvida
Ouvi, ouvi, ouvi a voz das águas
Asa da palavra, asa parada agora
Casa da palavra, onde o silêncio mora
Brasa da palavra, a hora clara, nosso pai
Hora da palavra, quando não se diz nada
Fora da palavra, quando mais dentro aflora
Tora da palavra, rio, pau enorme, nosso pai



O GRANDE CIRCO MÍSTICO

Jorge de Lima (1893-1953)

O médico de câmara da imperatriz Teresa - Frederico Knieps -
 resolveu que seu filho também fosse médico,
 mas o rapaz fazendo relações com a equilibrista Agnes,
 com ela se casou, fundando a dinastia de circo Knieps
 de que tanto se tem ocupado a imprensa.
 Charlote, filha de Frederico, se casou com o *clown*,
 de que nasceram Marie e Oto.
 E Oto se casou com Lily Braun a grande deslocadora
 que tinha no ventre um santo tatuado.
 A filha de Lily Braun - a tatuada no ventre
 quis entrar para um convento,
 mas Oto Frederico Knieps não atendeu,
 e Margarete continuou a dinastia do circo
 de que tanto se tem ocupado a imprensa.
 Então, Margarete tatuou o corpo
 sofrendo muito por amor de Deus,
 pois gravou em sua pele rósea
 a Via-Sacra do Senhor dos Passos.
 E nenhum tigre a ofendeu jamais;
 e o leão Nero que já havia comido dois ventríloquos,
 quando ela entrava nua pela jaula adentro,
 chorava como um recém-nascido.
 Seu esposo - o trapezista Ludwig - nunca mais a pôde
 amar,
 pois as gravuras sagradas afastavam
 da pele dela o desejo dele.
 Então, o *boxeur* Rudolf que era ateu
 e era homem fera derrubou Margarete e a violou.
 Quando acabou, o ateu se converteu, morreu.
 Margarete pariu duas meninas que são o prodígio do
 Grande Circo Knieps.
 Mas o maior milagre são as suas virgindades
 em que os banqueiros e os homens de monóculo têm
 esbarrado;
 são as suas levitações que a plateia pensa ser truque;
 é a sua pureza em que ninguém acredita;
 são as suas mágicas que os simples dizem que há o diabo;
 mas as crianças creem nelas, são seus fiéis, seus amigos,
 seus devotos.
 Marie e Helene se apresentam nuas,
 dançam no arame e deslocam de tal forma os membros
 que parece que os membros não são delas.
 A plateia bisa coxas, bisa seios, bisa sovacos.
 Marie e Helene se repartem todas,
 se distribuem pelos homens cínicos,
 mas ninguém vê as almas que elas conservam puras.
 E quando atiram os membros para a visão dos homens,
 atiram a alma para a visão de Deus.
 Com a verdadeira história do grande circo Knieps
 muito pouco se tem ocupado a imprensa.

SOBRE TODAS AS COISAS

Edu Lobo - Chico Buarque/1982

Para o balé *O grande circo místico*

Pelo amor de Deus
 Não vê que isso é pecado, desprezar quem
 lhe quer bem
 Não vê que Deus até fica zangado vendo
 alguém
 Abandonado pelo amor de Deus

Ao Nosso Senhor
 Pergunte se Ele produziu nas trevas o
 esplendor
 Se tudo foi criado – o macho, a fêmea, o
 bicho, a flor
 Criado pra adorar o Criador

E se o Criador
 Inventou a criatura por favor
 Se do barro fez alguém com tanto amor
 Para amar Nosso Senhor

Não, Nosso Senhor
 Não há de ter lançado em movimento
 terra e céu
 Estrelas percorrendo o firmamento em
 carrossel
 Pra circular em torno ao Criador

Ou será que o deus
 Que criou nosso desejo é tão cruel
 Mostra os vales onde jorra o leite e o mel
 E esses vales são de Deus
 Pelo amor de Deus
 Não vê que isso é pecado, desprezar quem
 lhe quer bem
 Não vê que Deus até fica zangado vendo
 alguém
 Abandonado pelo amor de Deus

MARCHA

Cecília Meireles

As ordens da madrugada
romperam por sobre os montes:
nosso caminho se alarga
sem campos verdes nem fontes.
Apenas o sol redondo
e alguma esmola de vento
quebram as formas do sono
com a ideia do movimento.
Vamos a passo e de longe;
entre nós dois anda o mundo,
com alguns mortos pelo fundo.
As aves trazem mentiras
de países sem sofrimento.
Por mais que alargue as pupilas,
mais minha dúvida aumento.
Também não pretendo nada
senão ir andando à toa,
como um número que se arma
e em seguida se esboroa,
— e cair no mesmo poço
de inércia e de esquecimento,
onde o fim do tempo soma
pedras, águas, pensamento.
Gosto da minha palavra
pelo sabor que lhe deste:
mesmo quando é linda, amarga
como qualquer fruto agreste.
Mesmo assim amarga, é tudo
que tenho, entre o sol e o vento:
meu vestido, minha música,
meu sonho e meu alimento.
Quando penso no teu rosto,
fecho os olhos de saudade;
tenho visto muita coisa,
menos a felicidade.
Soltam-se os meus dedos ristes,
dos sonhos claros que invento.
Nem aquilo que imagino
já me dá contentamento.
Como tudo sempre acaba,
oxalá seja bem cedo!
A esperança que falava
tem lábios brancos de medo.
O horizonte corta a vida
isento de tudo, isento...
Não há lágrima nem grito:
apenas consentimento.

CANTEIROS

Fagner

Quando penso em você, fecho os olhos de
saudade
Tenho tido muita coisa, menos a felicidade
Correm os meus dedos longos, em versos tristes
que invento
Nem aquilo a que me entrego já me traz
contentamento
Pode ser até manhã, cedo claro feito dia
Mas nada do que me dizem me faz sentir alegria
Eu só queria ter no mato um gosto de framboesa
Pra correr entre os canteiros e esconder minha
tristeza
Que eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza
E deixemos de coisa, cuidemos da vida,
Pois se não chega a morte ou coisa parecida
E nos arrasta moço, sem ter visto a vida.

MEUS OITO ANOS (1857)

Casimiro de Abreu (1839-1860)

Oh! que saudades que tenho
 Da aurora da minha vida,
 Da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!
 Que amor, que sonhos, que flores,
 Naquelas tardes fagueiras
 À sombra das bananeiras,
 Debaixo dos laranjais!
 Como são belos os dias
 Do despontar da existência!
 — Respira a alma inocência
 Como perfumes a flor;
 O mar é — lago sereno,
 O céu — um manto azulado,
 O mundo — um sonho dourado,
 A vida — um hino d'amor!
 Que aurora, que sol, que vida,
 Que noites de melodia
 Naquela doce alegria,
 Naquele ingênuo folgar!
 O céu bordado d'estrelas,
 A terra de aromas cheia
 As ondas beijando a areia
 E a lua beijando o mar!
 Oh! dias da minha infância!
 Oh! meu céu de primavera!
 Que doce a vida não era
 Nessa risonha manhã!
 Em vez das mágoas de agora,
 Eu tinha nessas delícias
 De minha mãe as carícias
 E beijos de minha irmã!
 Livre filho das montanhas,
 Eu ia bem satisfeito,
 Da camisa aberta o peito,
 — Pés descalços, braços nus
 — Correndo pelas campinas
 A roda das cachoeiras,
 Atrás das asas ligeiras
 Das borboletas azuis!
 Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

DOZE ANOS

Chico Buarque

Ai, que saudades que eu tenho
 Dos meus doze anos
 Que saudade ingrata
 Dar banda por aí
 Fazendo grandes planos
 E chutando lata
 Trocando figurinha
 Matando passarinho
 Colecionando minhoca
 Jogando muito botão
 Rodopiando pião
 Fazendo troca-troca

 Ai, que saudades que eu tenho
 Duma travessura
 O futebol de rua
 Sair pulando muro
 Olhando fechadura
 E vendo mulher nua
 Comendo fruta no pé
 Chupando picolé
 Pé-de-moleque, paçoca
 E, disputando troféu
 Guerra de pipa no céu
 Concurso de piroca

Quando o texto literário é musicado

MORTE E VIDA SEVERINA

SEVERINO ASSISTE AO ENTERRO DE UM TRABALHADOR DE EITO E OUVI O QUE DIZEM DO MORTO
OS AMIGOS QUE O LEVARAM AO CEMITÉRIO

João Cabral de Melo Neto (1920-1999) / Música de Chico Buarque

— Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
— É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
deste latifúndio.
— Não é cova grande,
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
— É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
— É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
— É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

— Viverás, e para sempre,
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.
— Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.
— Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.
— Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.
— Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

NAVIO NEGREIRO

Antônio de CASTRO ALVES (1847-1871) – Música de Caetano Veloso e Maria Bethânia
videoclip

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Se o velho arqueja, se no chão resvala,
Ouvem-se gritos... o chicote estala.
E voam mais e mais...

Presa nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, de martírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
No entanto o capitão manda a manobra,
E após fitando o céu que se desdobra,
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
"Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
Fazei-os mais dançar!..."

E ri-se a orquestra irônica, estridente...
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam! E ri-se
Satanás!...

V

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades! Varrei os mares, tufão!

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma – lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael.

Lá nas areias infindas,
 Das palmeiras no país,
 Nasceram crianças lindas,
 Viveram moças gentis...
 Passa um dia a caravana,
 Quando a virgem na cabana
 Cisma da noite nos véus...

... Adeus, ó choça do monte,
 ... Adeus, palmeiras da fonte!...
 ... Adeus, amores... adeus!...

Depois, o areal extenso...
 Depois, o oceano de pó.
 Depois no horizonte imenso
 Desertos... desertos só...
 E a fome, o cansaço, a sede...
 Ai! quanto infeliz que cede,
 E cai pra não mais s'erguer!...
 Vaga um lugar na cadeia,
 Mas o chagal sobre a areia
 Acha um corpo que roer.

Ontem a Serra Leoa,
 A guerra, a caça ao leão,
 O sono dormido à toa
 Sob as tendas d'amplidão!
 Hoje... o porão negro, fundo,
 Infecto, apertado, imundo,
 Tendo a peste por jaguar...
 E o sono sempre cortado
 Pelo arranco de um finado,
 E o baque de um corpo ao mar...

Ontem plena liberdade,
 A vontade por poder...
 Hoje... cúm'lo de maldade,
 Nem são livres pra morrer.
 Prende-os a mesma corrente
 – Férrea, lúgubre serpente
 – Nas roscas da escravidão.
 E assim zombando da morte,
 Dança a lúgubre coorte
 Ao som do açoute... Irrisão!...

Senhor Deus dos desgraçados!
 Dizei-me vós, Senhor Deus,
 Se eu deliro... ou se é verdade
 Tanto horror perante os céus?!...
 Ó mar, por que não apagas
 Co'a esponja de tuas vagas
 Do teu manto este borrão?
 Astros! noites! tempestades!
 Rolai das imensidades!
 Varrei os mares, tufão! ...

VI

Existe um povo que a bandeira empresta
 Pra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
 E deixa-a transformar-se nessa festa
 Em manto impuro de bacante fria!...
 Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?
 Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto! ...

Auriverde pendão de minha terra,
 Que a brisa do Brasil beija e balança,
 Estandarte que a luz do sol encerra
 E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!...

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélago profundo!
 Mas é infâmia demais! ...
 Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!
 Andrada! arranca esse pendão dos ares!
 Colombo! fecha a porta dos teus mares!

O escritor é autor de textos

Vinicius de Moraes - Rosa de Hiroshima

Pensem nas crianças
Mudas telepáticas
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas
Mas, oh, não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroshima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida e inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa, sem nada

Catulo da Paixão Cearense - Luar do Sertão

Não há, oh! gente, oh! não
Luar como esse do sertão!
Não há, oh! gente, oh! não
Luar como esse do sertão!

Oh! que saudades
Do luar da minha terra
Lá na serra branquejando
Folhas secas pelo chão!
Este luar
Cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade
Do luar lá do sertão!

Se a lua nasce
Por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata
Prateando a solidão!
E a gente pega
Na viola que ponteia
E a canção é a lua cheia,
A nos nascer no coração!

Quando vermelha,
No sertão, desponta a lua,
dentro d'alma, onde flutua,

Também rubra nasce a dor!
E a lua sobe
E o sangue muda em claridade
E a nossa dor muda em saudade
Branca, assim, da mesma cor!

Ai, quem me dera
Que eu morresse lá na serra,
Abraçado à minha terra
E dormindo de uma vez!
Ser enterrado
Numa grota pequenina
Onde, à tarde, a sururina
Chora a sua viuvez!

Diz uma trova,
Que o sertão todo conhece,
Que se à noite o céu floresce
Nos encanta e nos seduz!
É porque rouba
Dos sertões as flores belas
Com que faz essas estrelas
Lá no seu jardim de luz!

Mas como é lindo
Ver, depois, por entre o mato,
Deslizar, calmo, o regato,
transparente como um véu!
No leito azul
Das suas águas murmurando,
Ir, por sua vez, roubando
As estrelas lá do céu!

A gente fria
Desta terra sem poesia
Não se importa com essa lua,
Nem faz caso do luar!
Enquanto a onça
Lá na verde capoeira
Leva uma hora inteira
Vendo a lua a meditar!

Coisa mais bela
Neste mundo não existe,
Do que ouvir um galo triste
No sertão, se faz luar!
Parece até
Que a alma da lua é que descanta
Escondida na garganta
Desse galo a soluçar!

Se Deus me ouvisse,
Com amor e caridade,
Me faria esta vontade,

O ideal do coração!
Era que a morte
A descantar me surpreendesse
E eu morresse numa noite
De luar do meu sertão!

Ferreira Gullar – O trenzinho do caipira (Música de Heitor Villa Lobos)

Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar no ar no ar
Lá vai o trem com o menino
Lá vai a vida a rodar
Lá vai ciranda e destino
Cidade e noite a girar
Lá vai o trem sem destino
Pro dia novo encontrar
Correndo vai pela terra
Vai pela serra
Vai pelo mar
Cantando pela serra do luar
Correndo entre as estrelas a voar
No ar no ar no ar

Literatura e samba-enredo

OS SERTÕES – de Euclides da Cunha (1866-1909)

Em 1896, no sertão da Bahia, teve início um dos acontecimentos mais impressionantes e sangrentos de toda a história do Brasil: a Campanha de Canudos. Quatro expedições foram enviadas durante um ano contra mais de vinte mil habitantes da região: índios, mulatos, caboclos, pretos... sertanejos dirigidos pelo beato Antônio Conselheiro e munidos apenas de paus, pedras e armas rústicas. Os soldados traziam metralhadoras, granadas e canhões. Estavam poderosamente armados e eram numericamente muitas vezes superiores aos revoltosos, mas perdiam todas as batalhas. A resistência do sertanejo assombrava o país, e a derrota de Canudos tornou-se para o Exército e para a República uma questão de honra nacional.

Euclides da Cunha revelou ao Brasil o que ninguém até então conhecia: que o sertão é um só, uma pátria independente. Canudos é uma síntese perfeita, em escala reduzida, dos aspectos predominantes dos sertões do norte. Os sertões de Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí. Mostrou, com isso, que a Guerra de Canudos não foi apenas um acontecimento local, mas um grito de revolta de todo o sertão brasileiro. O escritor estruturou sua obra em três partes: "A Terra", "O Homem" e "A Luta".

De Os sertões (1902):

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.

A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas.

É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quase gigante e sinuoso, aparenta a translação de membros desarticulados. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicência que lhe dá um caráter de humildade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela. Caminhando, mesmo a passo rápido, não traça trajetória retilínea e firme. Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro, ou travar ligeiramente conversa com um amigo, cai logo – cai é o termo – de cócoras, atravessando largo tempo numa posição de equilíbrio instável, em que todo o

seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridícula e adorável.

É o homem permanentemente fatigado.

Reflete a preguiça invencível, a atonia muscular perene, em tudo: na palavra remorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadência langorosa das modinhas, na tendência constante à imobilidade e à quietude.

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude.

Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e

corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.

Este contraste impõe-se ao mais leve exame. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercadência impressionadora entre extremos impulsos e apatias longas.

É impossível idear-se cavaleiro mais chucro e deselegante; sem posição, pernas coladas ao bojo da montaria, tronco pendido para a frente e oscilando à feição da andadura dos pequenos cavalos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rápidos como poucos. Nesta atitude indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro preguiçoso quase transforma o *campeão* que cavalga na rede amolecedora em que atravessa dous terços da existência.

Mas se uma rês *alevantada* envereda, esquivada, adiante, pela caatinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, ei-lo em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricáveis das juremas.

Grêmio Recreativo Escola de Samba Em cima da Hora – Samba-enredo 1976

OS SERTÕES

Edeor de Paula

Marcado pela própria natureza
o Nordeste do meu Brasil
oh! solitário Sertão
de sofrimento e solidão
a terra é seca
mal se pode cultivar
morrem as plantas e foge o ar
a vida é triste nesse lugar

Sertanejo é forte [bis]
supera miséria sem fim
Sertanejo homem forte
dizia o poeta assim

Foi no século passado
no interior da Bahia
o homem revoltado com a sorte
do mundo em que vivia
ocultou-se no sertão
espalhando a rebeldia
se revoltando contra a lei
que a sociedade oferecia

os jagunços lutaram [bis]
até o final
defendendo Canudos
naquela guerra fatal

O escritor escreve sobre música popular

Chico Buarque – A BANDA (1966)

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas parou
Para ver, ouvir e dar passagem
A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a meninada toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela
Pensando que a banda tocava pra ela
A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando coisas de amor
Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

A BANDA

Crônica de Carlos Drummond de Andrade
(Correio da Manhã - 14/10/1966)

O jeito, no momento, é ver a banda passar, cantando coisas de amor. Pois de amor andamos todos precisados, em dose tal que nos alegre, nos reumanize, nos corrija, nos dê paciência e esperança, força, capacidade de entender, perdoar, ir para a frente. Amor que seja navio, casa, coisa cintilante, que nos vacine contra o feio, o errado, o triste, o mau, o absurdo e o mais que estamos vivendo ou presenciando.

A ordem, meus manos e desconhecidos meus, é abrir a janela, abrir não, escancará-la, é subir ao terraço como fez o velho que era fraco mas subiu assim mesmo, é correr à rua no rastro da meninada, e ver e ouvir a banda que passa. Viva a música, viva o sopro de amor que a música e banda vêm trazendo, Chico Buarque de Holanda à frente, e que restaura em nós hipotecados palácios em ruínas, jardins pisoteados, cisternas secas, compensando-nos da confiança perdida nos homens e suas promessas, da perda dos sonhos que o desamor puiu e fixou, e que são agora como o paletó roído de traça, a pele escarificada de onde fugiu a beleza, o pó no ar, na falta de ar.

A felicidade geral com que foi recebida essa banda tão simples, tão brasileira e tão antiga na sua tradição lírica, que um rapaz de pouco mais de vinte anos botou na rua, alvoroçando novos e velhos, dá bem a ideia de como andávamos precisando de amor. Pois a banda não vem entoando marchas militares, dobrados de guerra. Não convida a matar o inimigo, ela não tem inimigos, nem a festejar com uma pirâmide de camélias e discursos as conquistas da violência. Esta banda é de amor, prefere rasgar corações, na receita do sábio maestro Anacleto Medeiros, fazendo penetrar neles o fogo que arde sem se ver, o contentamento descontente, a dor que desatina sem doer, abrindo a ferida que dói e não se sente, como explicou um velho e imortal especialista português nessas matérias cordiais.

Meu partido está tomado. Não da ARENA nem do MDB, sou desse partido congregacional e superior às classificações de emergência, que encontra na banda o remédio, a angra, o roteiro, a solução. Ele não obedece a cálculos da conveniência momentânea, não admite cassações nem acomodações para evitá-las, e principalmente não é um partido, mas o desejo, a vontade de compreender pelo amor, e de amar pela compreensão.

Se uma banda sozinha faz a cidade toda se enfeitar e provoca até o aparecimento da lua cheia no céu confuso e soturno, crivado de signos ameaçadores, é porque há uma beleza generosa e solidária na banda, há uma indicação clara para todos os que têm responsabilidade de mandar e os que são mandados, os que estão contando dinheiro e os que não o têm para contar e muito menos para gastar, os espertos e os zangados, os vingadores e os ressentidos, os ambiciosos e todos, mas todos os etcéteras que eu poderia alinhar aqui se dispusesse da página inteira. Coisas de amor são finezas que se oferecem a qualquer um que saiba cultivá-las, distribuí-las, começando por querer que elas floresçam. E não se limitam ao jardimzinho particular de afetos que cobre a área de nossa vida particular: abrange terreno infinito, nas relações humanas, no país como entidade social carente de amor, no universo-mundo onde a voz do Papa soa como uma trompa longínqua, chamando o velho fraco, a mocinha feia, o homem sério, o faroleiro... todos que viram a banda passar, e por uns minutos se sentiram melhores. E se o que era doce acabou, depois que a banda passou, que venha outra banda, Chico, e que nunca uma banda como essa deixe de musicalizar a alma da gente.



PAULINHO LÊMOS - Compositor. Instrumentista. Cantor.

Aos 10 anos, compôs sua primeira canção, "Vanda", classificada entre os primeiros lugares do III Festival de Música Popular de Mato Grosso, surpreendendo o júri por ser o único menor de idade a participar do evento. Em 1970, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola de Música Villa Lobos e no Conservatório de Música.

Profissionalizou-se ao lado de artistas como Fátima Guedes, Rosinha de Valença, Beth Carvalho, Marisa Gata Mansa, Moacyr Luz e Agenor

de Oliveira, entre outros. Gravou com Cristina Buarque, Raphael Rabello, João de Aquino, Adriano Giffoni e Clara Sandroni, entre outros.

Em 1987 participou da Noite Brasileira do XXI Festival de Jazz de Montreux, na Suíça, acompanhando Beth Carvalho. Vem trabalhando regularmente em diversos países europeus, como Alemanha, Holanda, França, Áustria e Espanha. (Fonte: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira)

APÊNDICE

1 – A música “recria” textos literários

Carlos Drummond de Andrade= **Quadrilha** / Flor da idade (Chico Buarque)

Carlos Drummond de Andrade = **No meio do caminho** / Itamarandiba (Milton Nascimento e Fernando Brandt)

Jorge Amado = **Tieta do Agreste** / Luz de Tieta (Caetano Veloso)

Guimarães Rosa = **Grande Sertão: Veredas** / Casinha feliz (Gilberto Gil)

Carlos Drummond de Andrade (No meio do caminho) e **Guimarães Rosa** (Grande Sertão) / Agalopado (Alceu Valença)

Rubem Braga = **Ai de ti, Copacabana** / Alceu Valença

Romance do Pavão Misterioso (cordel) Folheto mais vendido em todos os tempos, foi escrito por José Camelo de Melo Rezende no final dos anos 20. João Melquíades Ferreira da Silva tomou posse da história e a publicou como se fosse dele, antes de Rezende. / Pavão Misterioso (Ednardo)

2 – O texto literário é musicado

Vou-me embora pra Pasárgada – Manuel Bandeira / Gilberto Gil

Canção amiga – Carlos Drummond de Andrade / Milton Nascimento

Circulador de fulô – Haroldo de Campos / Caetano Veloso

Traduzir-se – Ferreira Gular / Fagner

José – Carlos Drummond de Andrade / Paulo Diniz

3 – O escritor é autor de textos

Mário de Andrade e Ary Kerney – Viola quebrada

Jorge Amado e Dorival Caymmi – É doce morrer no mar

4 – Especial: literatura e sambas-enredo

Beija-flor 1954 – **O caçador de esmeraldas** (Olavo Bilac)

Salgueiro 1957 – **Navio Negreiro** (Castro Alves)

Portela 1963 – **Tronco do ipê** (José de Alencar)

Portela 1966 – **Memórias de um Sargento de Milícias** (Manuel Antônio de Almeida)

Imperatriz Leopoldinense 1967 – **O mundo poético de Olavo Bilac**

Mangueira 1967 - **O mundo encantado de Monteiro Lobato**

Imperatriz Leopoldinense 1972– **Martim Cererê** (Cassiano Ricardo)

Portela 1975 – **Macunaíma** (Mário de Andrade)

Vila Isabel 1976 – **Invenção de Orfeu** (Jorge de Lima)

Vila Isabel 1980 – **Sonho de um sonho** (Carlos Drummond de Andrade)

Vila Isabel 1983 – **Os imortais** (Academia Brasileira de Letras)

Mangueira 1987 – **No reino das palavras, Carlos Drummond de Andrade**

Mangueira 2007 – **Minha pátria é minha língua, Mangueira meu grande amor, Meu samba vai ao Lácio e colhe a última flor**

2012 Imperatriz Leopoldinense - **Jorge, Amado Jorge**

5 – O escritor escreve sobre música popular

Clarice Lispector

CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Entrei num restaurante com uma amiga e logo deparei com Carlinhos de Oliveira, o que me deu alegria. Olhei depois em torno. E quem é que eu vejo? Chico Buarque de Holanda. Eu disse para Carlinhos: quando meus filhos souberem que eu o vi, vão me respeitar mais. Então Carlinhos, que se sentara na nossa mesa, gritou: Chico! Ele veio, fui apresentada. Para a minha surpresa, ele disse: e eu que estive lendo você ontem!

Chico é lindo e é tímido, e é triste. Ah, como eu gostaria de dizer-lhe alguma coisa – o quê? - que diminuísse sua tristeza.

Jornal do Brasil / 4-2-1968

CHICO BUARQUE DE HOLANDA,

eu poderia dizer isso pessoalmente mas tive medo de me emocionar . Você sabe que não me seria difícil convidar o que se chama de personalidades para a minha casa. Mas não foi por você ser uma personalidade que chamei. Convidei porque, além de ser altamente gostável, você tem a coisa mais preciosa que existe: candura. Meus filhos têm. E eu, apesar de não parecer, tenho candura dentro de mim. Escondi-a porque ela foi ferida. Peço a Deus que a sua candura nunca seja ferida e que se mantenha sempre.

Jornal do Brasil / 10-2-1968

Consulado-Geral do Brasil / Centro Cultural do Brasil em Barcelona – Casa Amèrica Catalunya

MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL – III Ciclo

Intertextualidades

**Concerto nº 3 – MÚSICA E MEMÓRIA COLETIVA:
A CANÇÃO DO EXÍLIO, poema de Gonçalves Dias
Quarta-feira, 22 de outubro, 20h**



com Danilo Pinheiro e Lania Maia (NIKITI DUO)

CANÇÃO DO EXÍLIO , 1843.

Gonçalves Dias

Gonçalves Dias (Antônio G. D.), poeta, professor, crítico de história, etnólogo, nasceu em Caxias (Maranhão), em 10 de agosto de 1823, e faleceu em naufrágio, no baixio dos Atins (Maranhão), em 3 de novembro de 1864. É o patrono da Cadeira . 15, de Academia Brasileira de Letras, por escolha do seu fundador Olavo Bilac. (...) Pela obra lírica e indianista, Gonçalves Dias é um dos mais típicos representantes do Romantismo brasileiro e forma com José de Alencar na prosa a dupla que conferiu caráter nacional à literatura brasileira. (<http://www.academia.org.br>)

Kennst du das Land, wo die Citronen blühen, / Im dunkeln Laub die Gold-Orangen glühen, /
Kennst du es wohl? /
Dahin, Dahin! / Möcht ich... ziehn!

Goethe

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossa, várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar - sozinho, à noite -
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Carlos Vogt

Canções do Exílio

O exílio nos acompanha. A nós, homens e mulheres da humanidade, expulsos que fomos do paraíso, pela temeridade ancestral de nossos pais míticos - Adão e Eva - que se entregaram à sedução do conhecimento sem limites e geraram, para sempre em nossa cultura, este sentimento inalienável de perda metafísica.

É de Juan Carlos Onetti a sentença seminal: "Devo terminar referindo-me ao exílio definitivo a que estamos condenados pelo simples fato de vir ao mundo. Daqui seremos exilados, não sabemos para onde nem quando."

No Brasil e em Portugal carregamos tão fortemente o fado da migração, pela materialidade histórica de seu acontecimento e pela imaterialidade ideológica de suas representações, que Fernando Pessoa exila-se em nada mais, nada menos que no próprio português, ecoando, além-mar, em Caetano Veloso, o verso consagrado "minha pátria é minha língua".

E foi em Portugal que Gonçalves Dias, em 1843, estando em Coimbra, em exílio voluntário e estudantil, escreveu, estampando Goethe como epígrafe, o que se tornaria o *leit-motif* mais presente da literatura brasileira por gerações e gerações de escritores e de leitores:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Os jovens que integraram as forças expedicionárias do Brasil na Itália, na Segunda Grande Guerra, cantaram com todo o país os versos que o hino tomou emprestado à última estrofe da "Canção do Exílio":

Por mais terras que eu percorra, *Não permita Deus que eu morra Sem que eu volte para lá...*

Mas antes, muito antes, Casimiro de Abreu, romântico como Gonçalves Dias, cheio de saudades da infância e de sua terra natal, ecoou, no calor da contemporaneidade, os versos do poeta maranhense:

Se eu tenho de morrer na flor dos anos, Meu Deus! Não seja já:
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,
Cantar o sabiá!

Ou ainda, em outro poema, em que o sabiá, que lá em Gonçalves Dias cantava nas palmeiras, e já havia mudado para a laranjeira, agora se encontra aqui, mais genericamente, em seus retiros:

Eu nasci além dos mares:
os meus lares,
Meus amores ficam lá!
- onde canta nos retiros
Seus suspiros
o sabiá.

Mas não se pense que só românticos, poetas ou jovens em causa alheia, como os que foram para a guerra, recitaram os versos nacionalisticamente nostálgicos da nossa primeira "Canção do Exílio".

A sua fortuna crítica seguiu em rota de sucesso passando por modernos e modernistas que a referiram, mencionaram, lembraram, parodiaram, num ritual de renovação constante e de vitalidade perene.

<http://www.comciencia.br/carta/migracoes.htm>

CANÇÃO DO EXÍLIO - 1855

Casimiro de Abreu (1839-1860)

Eu nasci além dos mares: Os meus lares, Meus amores ficam lá! - Onde canta nos retiros Seus suspiros, Suspiros o sabiá! Oh! que céu, que terra aquela, Rica e bela Como o céu de claro anil! Que seiva, que luz, que galas, Não exalas, Não exalas, meu Brasil! Oh! que saudades tamanhas Das montanhas, Daqueles campos natais! Daquele céu de safira Que se mira, Que se mira nos cristais! Não amo a terra do exílio, Sou bom filho, Quero a pátria, o meu país, Quero a terra das mangueiras E as palmeiras E as palmeiras tão gentis!	Como a ave dos palmares Pelos ares Fugindo do caçador; Eu vivo longe do ninho; Sem carinho, Sem carinho e sem amor! Debalde eu olho e procuro... Tudo escuro Só vejo em roda de mim! Falta a luz do lar paterno Doce e terno, Doce e terno para mim. Distante do solo amado - Desterrado - A vida não é feliz. Nessa eterna primavera Quem me dera, Quem me dera o meu país!
--	---

Na madrugada de 29 de setembro de 1968, uma via de dez minutos foi dirigida, em pleno Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, contra dois dos maiores expoentes de nossa música popular em todos os tempos: Tom Jobim e Chico Buarque.

Mais do que o desfecho infeliz de um evento artístico, esse inesperado e contundente repúdio de 20 mil pessoas àqueles que eram, respectivamente, um dos papas da bossa-nova e a maior revelação da nova MPB, marcou o fim de uma época. Dois meses e meio depois, no dia 13 de dezembro, desceriam sobre o País as trevas do Ato Institucional nº 5. E, com o esvaziamento imposto às artes, seria exatamente a canção favorita do público daquele festival que se imortalizaria como símbolo da resistência ao totalitarismo: "Pra Não Dizer Que Não Falei de Flores" (ou, simplesmente, "Caminhando"), de Geraldo Vandré. (...)

Bela e intemporal, "Sabiá" é de uma safra em que Chico Buarque parecia alheio ao ambiente nublado da política (há quem faça a leitura de que a canção aludia à futura volta dos exilados, mas tal interpretação parece meio forçada, fazendo mais sentido a posteriori do que no momento dos acontecimentos). Após o sucesso estrondoso de "A Banda", ele insistiu na linha lírica e nostálgica, com "Carolina", "Bom Tempo" (para quem, cara-pálida?) e "Bem-Vinda", tornando-se, nos festivais, uma espécie de antítese da esquerda convencional e também da anarquia tropicalista. Até Nelson Rodrigues, então o próprio arquétipo do reacionário, tinha palavras de elogio para Chico. Isto explica a vaia finalmente por ele recebida, depois de atravessar incólume vários festivais. Não sem motivo, Chico Buarque se penitenciaria mais tarde, com a autocrítica "Agora Falando Sério" ("Agora falando sério/ Eu queria não mentir/ Não queria enganar/ Driblar, iludir/ Tanto desencanto/ E você que está me ouvindo/ Quer saber o que está havendo/ Com as flores do meu quintal?/ O amor-perfeito, traindo/ A sempre-viva, morrendo/ E a rosa, cheirando mal").

Luís Nassif (<http://jornalggn.com.br/blog/jota-a-botelho/o-dia-em-que-vaiaram-chico-buarque-e-tom-jobim-a-era-dos-festivais>)

SABIÁ

Tom Jobim - Chico Buarque/1968

Vou voltar	Vou voltar
Sei que ainda vou voltar	Sei que ainda vou voltar
Para o meu lugar	Não vai ser em vão
Foi lá e é ainda lá	Que fiz tantos planos
Que eu hei de ouvir cantar	De me enganar
Uma sabiá	Como fiz enganos
Cantar uma sabiá	De me encontrar
	Como fiz estradas
Vou voltar	De me perder
Sei que ainda vou voltar	Fiz de tudo e nada
Vou deitar à sombra	De te esquecer
De uma palmeira	
Que já não há	Vou voltar
Colher a flor	Sei que ainda vou voltar
Que já não dá	Para o meu lugar
E algum amor	Foi lá e é ainda lá
Talvez possa espantar	Que eu hei de ouvir cantar
As noites que eu não queria	Uma sabiá
E anunciar o dia	Cantar uma sabiá

No Hino Nacional do Brasil

Citação importantíssima da "Canção do Exílio" ocorre em 1909, quando o poeta Osório Duque Estrada escreve uma letra para o Hino Nacional Brasileiro. A música do hino, da autoria de Francisco Manuel da Silva, já existia desde 1822, o ano da Independência. Mas não havia uma letra oficial para ela. Várias tentativas foram escritas, mas resvalavam em defeitos como ofensas aos portugueses ou bajulavam o imperador. Havia também letras diferentes cantadas nas províncias. Afinal, em 1909, Duque Estrada escreveu o "Ouviram do", que foi oficializado

em 1922, às vésperas do centenário da Independência. Observe-se que, no hino, dois versos de Gonçalves Dias estão entre aspas:

*Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".*

II
Deitado eternamente em berço esplêndido,
Ao som do mar e à luz do céu profundo,
Fulguras, ó Brasil, florão da América,
Iluminado ao sol do novo mundo!

Do que a terra mais garrida
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;
"Nossos bosques têm mais vida",
"Nossa vida" no teu seio "mais amores".

Ó pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
- Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta,
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil
Pátria amada,
Brasil!

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

O BRASIL NA SEGUNDA GUERRA / FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB)

Nome dado à divisão de infantaria constituída em 9 de agosto de 1943 e enviada à Itália em 1944 sob o comando do general-de-divisão João Batista Mascarenhas de Moraes para lutar contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). A designação FEB passou a englobar as forças brasileiras de terra, mar e ar que lutaram na Segunda Guerra Mundial.

O embarque do 1º Escalão para a Itália ocorreu em 30 de junho de 1944. A Força Aérea Brasileira (FAB) partiu para a Itália em princípios de outubro, com um contingente de mais de quatrocentos homens.

Ao contrário dos planos originais, a FEB foi constituída por uma única divisão, com um efetivo de 25.334 homens.

A partir de 5 de agosto de 1944, quando chegou à região de Tarquínia, na Itália, o 1º Escalão passou a integrar o V Exército norte-americano. O V Exército, nesse momento, estava constituído por dois corpos de exército, o II e o IV, pois acabava de ser desfalcado de sete divisões, desviadas para os desembarques efetuados pelos Aliados no sul da França. O II Corpo operava ao norte de Florença na tentativa de desalojar os alemães de Bolonha. O IV Corpo tinha a missão de abrir brechas na chamada Linha Gótica, em poder dos alemães. Esta linha partia da região costeira do mar Tirreno, apoiava-se na região montanhosa dos Apeninos e terminava nas áreas de Pesaro e Rimini, já na faixa litorânea do Adriático.

A participação da FEB nos combates iniciou-se em 15 de setembro de 1944, substituindo uma força norte-americana que estava sendo desligada do IV Corpo. Os oficiais brasileiros foram incluídos na Força Aérea Tática do Mediterrâneo e dentro dela, no XXII Comando Aerotático, que dava apoio às tropas do V Exército norte-americano. As primeiras vitórias da FEB na Itália ocorreram nos dias 16, 18 e 26 de setembro, com a ocupação de Massarosa, a tomada de Camaiore e a queda de Monte Prato.

Após a conquista do maciço Prato, as tropas brasileiras, já acrescidas do 2º e do 3º escalões, foram transferidas para o vale do rio Serchio, para se aproximarem de Castelnuovo di Garfagnana, um dos fortes redutos da Linha Gótica e importante entroncamento rodoviário, de grande interesse estratégico por ser uma das portas de acesso à planície do rio Pó.

O plano para o reinício da ofensiva aliada, denominado Operação Encore, previa a captura de Monte Castelo e a atuação no vale do Marano, com a conquista de Santa Maria Viliana e a tomada de Torre di Nerone e Castelnuovo. A Operação Encore teve início no dia 19 de fevereiro de 1945. Participaram da conquista de Monte Castelo a 10ª Divisão de Montanha norte-americana, a artilharia brasileira, o 1º Regimento de Infantaria brasileiro (Regimento Sampaio), comandado pelo coronel Caiado de Castro, e a Força Aérea Brasileira. Monte Castelo foi conquistado a 21 de fevereiro, seguindo-se a conquista de La Serra, na madrugada de 23 para 24, e, horas depois, a tomada de Monte della Torraccia pelos norte-americanos.

A tomada de Monte Castelo inaugurou uma série de vitórias da FEB. A 3 de março foi iniciada a ofensiva no vale do rio Marano pela 10ª Divisão de Montanha norte-americana e pelos 6º e 11º regimentos de Infantaria brasileiros. A 5 de março foi capturado Castelnuovo, encerrando-se aí a Operação Encore. Iniciaram-se então os preparativos para a Operação Primavera, no vale do rio Parano, destinada a dismantelar a nova linha Gengis Khan que os alemães preparavam nas montanhas dos Apeninos, no vale do Pó e nos passos alpinos de Brenner e de Sillano.

A Operação Primavera prolongou-se de 5 de abril a 2 de maio de 1945 e cobriu todo o norte da Itália. Partiu do sul de Bolonha, estendendo-se do Adriático ao Tirreno. Dela participaram todas as forças aliadas que se encontravam na Itália e que integravam o XV Grupo de Exércitos.

As tropas brasileiras conquistaram Montese no dia 14, enquanto as divisões norte-americanas somente no dia 16 ocuparam Toile e Vergato, abrindo assim a porta de acesso à planície do Pó. A divisão brasileira continuou a ofensiva em direção a Zocca, Vignola, San Polo d'Enza, Montecchio Emilia e Findeza. A 27 de abril foi tomada Collecchio, importante posição para impedir a retirada dos alemães em direção a Parma, o que lhes permitiria transpor o rio Pó e atingir posições ao norte na direção de Verona-Milão. A 29 de abril caiu Fornovo, e a 148ª Divisão alemã, os remanescentes da 90ª Divisão Motorizada alemã e a Divisão Itália capitularam. Enquanto se processava a rendição da 148ª Divisão germânica, a FEB foi instruída pelo IV Corpo norte-americano a continuar a cortar os movimentos dos alemães no sul e a ocupar, a oeste de Fornovo, a área em redor de Alessandria, onde estava sediado o 75º Corpo de Exército germânico.

A 2 de maio, ao cessarem as hostilidades na Itália com a capitulação do último corpo de Exército germânico, a divisão brasileira ocupava a cidade de Alessandria desde 30 de abril, e estabelecia ligação com o Exército francês em Susa, próximo à fronteira franco-italiana.

O fim da guerra deu-se a 8 de maio de 1945, com a vitória final dos Aliados em toda a Europa após a queda de Berlim.

O Brasil deixou sepultados na Itália, no cemitério de Pistoia, 454 integrantes de sua Força Expedicionária. Em 5 de outubro de 1960, as cinzas dos soldados brasileiros foram transladadas para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, erguido no aterro da Glória, no Rio de Janeiro.

CANÇÃO DO EXPEDICIONÁRIO

Poema: Guilherme de Almeida

Música: Spartaco Rossi

Você sabe de onde eu venho? Venho do morro, do Engenho, Das selvas, dos cafezais, Da boa terra do coco, Da choupana onde um é pouco, Dois é bom, três é demais, Venho das praias sedosas, Das montanhas alterosas, Dos pampas, do seringal, Das margens crespas dos rios, Dos verdes mares bravios Da minha terra natal. Por mais terras que eu percorra, Não permita Deus que eu morra Sem que volte para lá; Sem que leve por divisa Esse "V" que simboliza A vitória que virá: Nossa vitória final, Que é a mira do meu fuzil, A razão do meu bernal, A água do meu cantil, As asas do meu ideal, A glória do meu Brasil. Eu venho da minha terra, Da casa branca da serra E do luar do meu sertão; Venho da minha Maria Cujo nome principia Na palma da minha mão, Braços mornos de Moema, Lábios de mel de Iracema Estendidos para mim. Ó minha terra querida Da Senhora Aparecida E do Senhor do Bonfim!	Por mais terras que eu percorra, ... Você sabe de onde eu venho ? E de uma Pátria que eu tenho No bojo do meu violão; Que de viver em meu peito Foi até tomando jeito De um enorme coração. Deixei lá atrás meu terreno, Meu limão, meu limoeiro, Meu pé de jacarandá, Minha casa pequenina Lá no alto da colina, Onde canta o sabiá. Por mais terras que eu percorra, ... Venho do além desse monte Que ainda azula o horizonte, Onde o nosso amor nasceu; Do rancho que tinha ao lado Um coqueiro que, coitado, De saudade já morreu. Venho do verde mais belo, Do mais dourado amarelo, Do azul mais cheio de luz, Cheio de estrelas prateadas Que se ajoelham deslumbradas, Fazendo o sinal da Cruz! Por mais terras que eu percorra, ...
--	---

O poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade (1890-1954), é uma produção realizada no início da década de 20, época que se caracterizava pelo nacionalismo crítico e por uma revisão tanto da história do Brasil como da produção literária anterior que, segundo o pensamento da época, se apropriava inadequadamente das produções e ideais estrangeiros. Oswald foi o autor do Manifesto Antropófago em 1928 (*Tupi or not tupi*). É nessa perspectiva que Oswald critica a forma ufanista de Gonçalves Dias ao valorizar os elementos nacionais. <http://www.infoescola.com/livros/cancao-do-exilio/>

CANTO DO REGRESSO À PÁTRIA - Oswald de Andrade

(em *Pau-Brasil*, 1925)

Minha terra tem palmares
onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

Murilo Mendes (1901-1975), em sua “Canção do Exílio”, utiliza o mesmo humor e sátira de Oswald de Andrade, mas foi mais ousado ao apresentar uma nova perspectiva em sua releitura: denuncia a invasão cultural estrangeira no Brasil. O nacionalismo em seu poema se fundamenta numa crítica à realidade sociocultural brasileira. <http://www.infoescola.com/livros/cancao-do-exilio/>

CANÇÃO DO EXÍLIO - Murilo Mendes

Minha terra tem macieiras da Califórnia
onde cantam gaturamos de Veneza.
Os poetas da minha terra
são pretos que vivem em torres de ametista,

os sargentos do exército são monistas, cubistas,
os filósofos são polacos vendendo a prestações.
A gente não pode dormir
com os oradores e os pernilongos.
Os sururus em família têm por testemunha a Gioconda.
Eu morro sufocado
em terra estrangeira.
Nossas flores são mais bonitas
nossas frutas mais gostosas
mas custam cem mil réis a dúzia.

Ai quem me dera chupar uma carambola de verdade
e ouvir um sabiá com certidão de idade!

Cinquenta e cinco poemas compõem a obra "A Rosa do Povo", escrita por Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) entre os anos de 1943 e 1945. É o mais longo de seus livros e poemas.

O próprio título do poema já traz uma simbologia: uma rosa nasce para o povo, será a poesia para o coletivo? Para tentar saber, vale a pena ler o poema "A flor e a náusea".

Nessa época, o mundo vivia os horrores da Segunda Guerra Mundial, e Drummond, que nunca fora alheio a questões ideológicas ou humanas, aos sofrimentos ou à dor na cidade ou no campo, escreveu nesse livro (ao lado de outros diversos temas) sua indignação e tristeza melancólica com o mundo, com a violência e com a necessidade de se ter uma ideologia.

A poesia sobre a própria poesia (a que chamamos poesia metalinguística) comparece todo o tempo neste livro. Mas há também a virtude de se refletir sobre um passado (romântico), quando o mundo era mais organizado e talvez mais feliz. É o que diz o poeta, quando cria a "Nova canção do exílio". (<http://educacao.uol.com.br>)

NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO - Carlos Drummond de Andrade

Um sabiá na palmeira, longe.	Onde tudo é belo e fantástico, só, na noite, seria feliz. (Um sabiá na palmeira, longe.)
Estas aves cantam um outro canto. O céu cintila sobre flores úmidas. Vozes na mata, e o maior amor.	Ainda um grito de vida e voltar para onde tudo é belo e fantástico: a palmeira, o sabiá, o longe.
Só, na noite, seria feliz: um sabiá, na palmeira, longe.	

A desmontagem do poema de Gonçalves Dias efetivada em "Uma Canção", por **Mário Quintana** (1906-1994) conforme destacado mais acima, marca a decifração do ufanismo idílico que impregna aquele texto. Apreendendo a realidade circundante em termos de negação e ausência, uma vez que "aves invisíveis" cantam "nas palmeiras que não há", o eu poético esboça, no poema de Quintana, um quadro de problematização e desnorteamento incompatível com os traços de coesão e linearidade presentes no contexto evocado na "Canção do Exílio". O tempo histórico, assim formulado, desvela, no contraste estabelecido, o território do mito sobre o qual se constitui o enunciado romântico.

ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/.../12430 – E.J. da Costa

UMA CANÇÃO – Mário Quintana

Minha terra não tem palmeiras...
E em vez de um mero sabiá,
Cantam aves invisíveis
Nas palmeiras que não há.

Minha terra tem relógios.
Cada qual com sua hora
Nos mais diversos instantes...
Mas onde o instante de agora?

Mas onde a palavra "onde"?
Terra ingrata, ingrato filho.
Sob os céus de minha terra
Eu canto a Canção do Exílio!

Até **Adoniran Barbosa** (1910-1982), com seu humor irreverente, utilizou, com Rolando Boldrini, a Canção do Exílio – e de modo bem paulista: **curió** cantando no “curíntias”.

Na primeira década do século XX, veio ao Brasil um clube inglês de futebol chamado CORINTHIANS, nome este que revivia uma expressão de há muito fora de moda.

Esta equipe excursionou pelo Brasil e despertou grande entusiasmo. Assim foi que, em 1910, um grupo de esportistas que incluía vários italianos e diversos industriais, fundou, em São Paulo, o Sport Club Corinthians Paulista.

Finalmente, os paradoxos da História: esse time possui um nome exótico, muitas vezes mal pronunciado, com um TH e um N estranhos ao nosso idioma.

Tal nome se liga a uma cidade da Grécia distante, que poucos conhecem, e designou, num passado remoto e esquecido, os aristocratas esportivos da Inglaterra.

A entidade é, ainda, representada por um distintivo rebuscado, com uma âncora e 2 remos, que lembram, melhor, um clube náutico.

Mas esse conjunto de excentricidades formou, ao que parece, um todo apaixonante, para a população de São Paulo e do Brasil.

E a equipe fundada em 1910 angariou, surpreendentemente, a mais numerosa torcida de São Paulo. <http://www.desenredo.com.br/Gerais/Corinthians.htm>

PROVÉRBIOS

Adoniran Barbosa e Rolando Boldrin

Muita verdade se esconde
entre o céu e a terra
cão que ladra não morde
bom cabrito não berra

**Minha terra tem curintias
onde canta o curió**

não tem nada mais gostoso
que o pastel de minha vó

Pergunte ao velho Colombo
que também usava franja
se galinha velha é boa
ou é melhor sua canja

Muito trabalho ele teve
você sabe como é
botar um ovo é fácil
difícil é botar ele em pé ...

(...) **Marginália II**, foi composta por Gilberto Gil e Torquato Neto e gravada por Gil no LP *Gilberto Gil* de 1968. Trata-se de uma das canções tropicalistas mais representativas do modo como os arranjos de Rogério Duprat estabelecem relações entre a palavra cantada e o arranjo, através de diferentes recursos expressivos e semânticos.

(...) O título de **Marginália II** provavelmente foi inspirado na coletânea de textos do escritor Lima Barreto, publicada postumamente em 1953 com o nome *Marginália*. O termo, cuja acepção mais remota remete à prática medieval de inscrição de notas nas margens dos manuscritos bíblicos, também designa o coletivo de marginais. Em 1968, a palavra passou a ser utilizada no Brasil para se referir ao grupo dos chamados marginais, integrado por cineastas como Rogério Sganzerla, artistas como Hélio Oiticica e poetas como Waly Salomão e Torquato Neto, o possível responsável pela letra e pelo título da canção composta por ele em parceria com Gil. Nessa canção, que apresenta uma perspectiva pessimista da sociedade brasileira, *marginália* significa o *topos* ou o habitat dos marginais.

Marginália II descreve o Brasil como um país de “terceiro mundo”, termo utilizado a partir de meados dos anos 1950 nas mesas de negociação internacionais para se referir aos países periféricos e pobres.

(...) Em 1968, o regime militar procurava atualizar o discurso ufano-nacionalista brasileiro que, desde pelo menos o Segundo Império vinha sendo difusa e descontinuamente construído pelo Estado por meio de estímulos à produção cultural de uma imagem de país edênico e naturalmente pujante, cujos habitantes seriam abençoados por Deus. Desse éden tropical, o

brasileiro de *Marginália II* teria herdado apenas a culpa pelos atos criminosos de seus ancestrais portugueses degredados, enviados para a América como forma de punição (SOUZA, 1993). -

(...) A orquestração do arranjo dessa canção envolve, além da percussão, violão e baixo elétrico, flauta, vibrafone, metais e cordas.

Jonas Soares Lana (“ Rogério Duprat arranjador da *Tropicália* e o arranjo da canção *Marginália II* - Revista Contemporânea – Dossiê Regimes Autoritários E Sociedades - Ano 3, n° 3 | 2013, versão ISSN [2236-4846]

Marginália II – 1967 - Gilberto Gil e Torquato Neto

Eu, brasileiro, confesso Minha culpa, meu pecado Meu sonho desesperado Meu bem guardado segredo Minha aflição Eu, brasileiro, confesso Minha culpa, meu degredo Pão seco de cada dia Tropical melancolia Negra solidão Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui, o Terceiro Mundo Pede a bênção e vai dormir Entre cascatas, palmeiras Araçás e bananeiras Ao canto da juriti Aqui, meu pânico e glória Aqui, meu laço e cadeia Conheço bem minha história Começa na lua cheia E termina antes do fim	Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Minha terra tem palmeiras Onde sopra o vento forte Da fome, do medo e muito Principalmente da morte Olelê, lalá A bomba explode lá fora E agora, o que vou temer? Oh, yes, nós temos banana Até pra dar e vender Olelê, lalá Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo Aqui é o fim do mundo
--	---

“O poema Jogos Florais I e II de Antônio Carlos Ferreira de Brito (1944-1987) – **Cacaso** – foi escrito nos anos 70, mas ficou conhecido em 1985. É mais uma paródia da Canção do Exílio, dessa vez usada ironicamente para criticar a ditadura militar que vigorava no Brasil. A época não possibilitava qualquer ufanismo e todos eram exilados em seu próprio país, já que não havia liberdade de expressão.

No verso inicial aparece a natureza da Canção do Exílio para imediatamente transformar o sabiá em tico-tico, pássaro muito comum que representa o povo. É o sabiá, dono do poder, que explora o povo e come o seu fubá numa alusão ao choro Tico-tico no fubá de Zequinha de Abreu.

Na segunda estrofe, continua a criticar o governo brasileiro reprovando o “milagre econômico” utilizado como triunfo pelos militares. Para isso, parodia um texto bíblico, “a água já não vira vinho/ vira direto vinagre”. (...)

Assim como Oswald de Andrade, também substitui as palmeiras por Palmares. A referência ao Quilombo de Palmares funciona como uma forma de resistência ao regime vigente que imediatamente sofre censura: memória cala-te já. (...)

(...) A culpa de todos esses arroubos é do álcool que liberta a palavra. Se a água não virou vinho, o vinho interfere na memória e torna a palavra mais ousada para denunciar o momento.

A ironia maior fica para o final, numa crítica aberta a Jarbas Passarinho, ex-ministro da educação. (será mesmo com 2 esses/que se escreve paçarinho?).

(<http://ninitelles.blogspot.com.es/2011/11/as-varias-cancoes-do-exilio-10-cacaso.html>)

JOGOS FLORAIS - Cacaso

I	II
Minha terra tem palmeiras onde canta o tico-tico. Enquanto isso o sabiá vive comendo o meu fubá.	Minha terra tem Palmares memória cala-te já. Peço licença poética Belém capital Pará.
Ficou moderno o Brasil ficou moderno o milagre: a água já não vira vinho, vira direto vinagre.	Bem, meus prezados senhores dado o avançado da hora errata e efeitos do vinho o poeta sai de fininho.
	(será mesmo com 2 esses que se escreve paçarinho?)

"Tico-Tico No Fubá" é uma canção composta por Zequinha de Abreu. Com o tempo, tornou-se uma das canções brasileiras mais conhecidas de todos os tempos. (...)

Vibrante e ao mesmo tempo sentimental, "Tico-Tico No Fubá" é o exemplo perfeito do choro clássico, em três partes, composto na melhor tradição do gênero. "Tico-Tico No Fubá" impressionou logo em sua primeira apresentação, em 1917, num baile em Santa Rita do Passa Quatro (SP), quando ganhou o nome de "Tico-Tico No Farelo". Razão do nome: a animação dos pares que dançavam em grande alvoroço, provocando o comentário do autor: "Até parece tico-tico no farelo..."

Logo "Tico-Tico No Fubá" tornou-se um sucesso por onde Zequinha de Abreu levava sua orquestra. A canção recebeu o nome atual em 1931, já que existia outra de mesmo título, composta por Canhoto. "Tico-Tico No Fubá" só foi editada em 1930 e ganhou a primeira gravação no ano seguinte, 14 anos depois de criada, pela Orquestra Colbaz do maestro Gaó (1909-1992). Esta gravação, na Columbia, permaneceu em catálogo até o final dos anos 1940.

Eurico Barreiros foi o primeiro a acrescentar uma letra para o disco de 1942 na voz de Ademilde Fonseca. Alvarenga, da dupla Alvarenga & Ranchinho, também pôs letra em "Tico-Tico No Fubá", com o subtítulo de "Vamos Dançar, Comadre".

Mas a interpretação de Carmen Miranda com versos de Aloysio de Oliveira foi a versão que internacionalizou a obra.

A composição foi usada em 1943 no filme de Walt Disney "Saludos Amigos" (Alô, Amigos) e no musical "Thousands Cheer" (A Filha do Comandante). Em 1944, em mais dois filmes: "Bathing Beauty" (Escola de Sereias) e "Kansas City Kitty" (Afinal de Quem é a Kitty?). Em 1947, novamente na voz de Carmen Miranda para o filme "Copacabana".

A gravação pela organista Ethel Smith em 1944 levou a canção ao 14º lugar na parada pop americana e vendeu mais de um milhão de cópias. Por esta gravação a música passou a ser conhecida no mundo inteiro por "Tico-Tico".

Zequinha de Abreu faleceu em São Paulo a 22/01/1935 sem saber que seu choro, sem nome e inacabado se tornaria um clássico internacional.

Em 1952 a Cia. Cinematográfica Vera Cruz produziu sob direção de Fernando de Barros e Adolfo Celi o filme "Tico-Tico No fubá" baseado na vida de Zequinha de Abreu, estrelado por Anselmo Duarte e Tônia Carrero. (www.eternasmusicas.com/.../tico-tico-no-fuba.html)

TICO-TICO NO FUBÁ

Tico-tico
Tico-tico
O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer umas minhocas no pomar

Tico-tico
O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer umas minhocas no pomar

Ó por favor, tire esse bicho do celeiro
Porque ele acaba comendo o fubá inteiro
Tira esse tico de cá, de cima do meu fubá
Tem tanta coisa que ele pode pinicar
Eu já fiz tudo para ver se conseguia

Botei alpiste para ver se ele comia
Botei um galo, um espantalho e alcapão
Mas ele acha que fubá é que é boa alimentação

O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer é mais minhoca e não fubá

Tico-tico
O tico-tico tá
Tá outra vez aqui
O tico-tico tá comendo meu fubá
O tico-tico tem, tem que se alimentar
Que vá comer é mais minhoca e não fubá

Nova canção do exílio (Ferreira Gullar)

O poema de Gonçalves Dias, emblemático na literatura brasileira, é aqui refeito sob a ótica amorosa: a mulher amada substitui a noção de pátria e seu corpo é metáfora do elemento terra. O dicionário de símbolos explica a associação. A transformação é paródica no sentido de travestimento. A amada deixa de ser elemento de confronto: o jogo do “lá” e do “cá” é suprimido, pois tudo converge para uma mesma entidade. A substituição mais radical está na introdução do verbo “viver” em lugar de “morrer”. Se o romântico expressava o receio da morte (“Não permita Deus que eu morra/ sem que eu volte para lá), o poeta moderno escolhe o lugar da permanência, onde ele se encontra, se perde e luta. O sentimento de amor à pátria é deslocado para ter em seu lugar o do amor carnal, metáfora do presente, da hora presente. (Tania Franco Carvalhal - Interação entre linguagens: a construção do imaginário)

NOVA CANÇÃO DO EXÍLIO – Ferreira Gullar (para Cláudia)

Minha amada tem palmeiras
Onde cantam passarinhos
e as aves que ali gorjeiam
em seus seios fazem ninhos
Ao brincarmos sós à noite
nem me dou conta de mim:
seu corpo branco na noite
luze mais do que o jasmim
Minha amada tem palmeiras
tem regatos tem cascata
e as aves que ali gorjeiam
são como flautas de prata
Não permita Deus que eu viva
perdido noutros caminhos
sem gozar das alegrias
que se escondem em seus carinhos
sem me perder nas palmeiras
onde cantam os passarinhos

Fazendo da voz e do piano instrumentos de protesto, Taiguara foi um crítico ferrenho da Ditadura Militar e, por consequência, tornou-se um dos compositores mais censurados da época. Tanto que a enorme popularidade de sua música não foi suficiente para segurar o músico no Brasil. Em 1973, ele se mudou para Londres. Achando que o clima estava mais brando, voltou dois anos depois, trazendo na bagagem um projeto grandioso, onde revivia suas raízes indígenas e o Brasil que havia deixado para trás. O projeto, batizado de **Imyra, tayra, ipy**, chegou em 1976 e só passou 72 horas nas lojas, até ser recolhido pela censura federal e ficar esquecido por quase 40 anos.

Como os direitos de **Imyra, tayra, ipy** foram comprados por produtores japoneses, ele nunca mais foi relançado no Brasil. Ao lado de trabalhos de Paulo Moura, Teca Calazans, Xangai e outros, **Imyra, tayra, ipy** tem um sabor especial por fazer justiça a um compositor emblemático, que teve sua voz apagada pela Ditadura.

Taiguara

TERRA DAS PALMEIRAS – no disco Imyra, tayra, ipy

Sonhada terra das palmeiras

Onde andará teu sabiá?

Terá ferida alguma asa?

Terá parado de cantar?

Sonhada terra das palmeiras

Como me dói meu coração

Como me mata o teu silêncio

Como estás só na escuridão

Ah! Minha amada amordaçada

De amor forçado a se calar

Meu peito guarda o sangue em pranto

Que ainda por ti vou derramar

Ah! Minha amada amortalhada

Das mãos do mal vou te tirar

Pra dançar danças de outras terras

E em outras línguas te acordar ...

E em outras línguas te acordar...

E de outras terras te acordar...

Amada minha te acordar...

Querida minha te acordar...

Em outras línguas te acorda

Ah,ah, ah,ah...

APÊNDICE

Samba Enredo 1958 - Canção do Exílio

G.R.E.S. Mangueira

Compositores: Comprido, Leleo e Zagaia

Clássico da nossa poesia
É a Canção do Exílio
De Gonçalves Dias
Poema de sublime inspiração
De amor e ternura
Em sua confecção
Lamento
De um coração soturno
De um poeta taciturno
Que em versos escreveu
Todo drama
Do arfante peito meu
Este poema nasceu
Da saudade
Do seu Brasil distante
Das suas campinas verdejantes
Com suas flores multicores
Suas estrelas
Ornamentando um vasto céu
Como sofria
O saudoso menestrel
És uma estrofe
De saudade e de amor
Na qual suplicava ao Senhor
Não permita
Deus que eu morra
Sem que eu volte para lá
Sem que reveja
As palmeiras
Onde canta o sabiá

Jô Soares

Minha Dinda tem
cascatas
onde canta o curió.
Não permita Deus que
eu tenha
de voltar pra Maceió.
Minha Dinda tem
coqueiros
da ilha de Marajó.
As aves, aqui,

gorjeiam
não fazem cocoricó.

José Paulo Paes

Lá?
Ah!
Sabiá...
Papá...
Maná...
Sofá...
Sinhá...
Cá?
Bah!



PÁTRIA MINHA - Vinicius de Moraes

A minha pátria é como se não fosse, é íntima
Doçura e vontade de chorar; uma criança dormindo
É minha pátria. Por isso, no exílio
Assistindo dormir meu filho
Choro de saudades de minha pátria.

Se me perguntarem o que é a minha pátria direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos...
Vontade de mudar as cores do vestido (auriverde!) tão feias
De minha pátria, de minha pátria sem sapatos
E sem meias pátria minha
Tão pobrinha!

Porque te amo tanto, pátria minha, eu que não tenho
Pátria, eu semente que nasci do vento
Eu que não vou e não venho, eu que permaneço
Em contato com a dor do tempo, eu elemento
De ligação entre a ação o pensamento
Eu fio invisível no espaço de todo adeus
Eu, o sem Deus!

Tenho-te no entanto em mim como um gemido
De flor; tenho-te como um amor morrido
A quem se jurou; tenho-te como uma fé
Sem dogma; tenho-te em tudo em que não me sinto a jeito
Nesta sala estrangeira com lareira
E sem pé-direito.

Ah, pátria minha, lembra-me uma noite no Maine, Nova Inglaterra
Quando tudo passou a ser infinito e nada terra
E eu vi alfa e beta de Centauro escalarem o monte até o céu
Muitos me surpreenderam parado no campo sem luz
À espera de ver surgir a Cruz do Sul
Que eu sabia, mas amanheceu...

Fonte de mel, bicho triste, pátria minha
Amada, idolatrada, salve, salve!
Que mais doce esperança acorrentada
O não poder dizer-te: aguarda...
Não tardo!

Quero rever-te, pátria minha, e para
Rever-te me esqueci de tudo

Fui cego, estropiado, surdo, mudo
Vi minha humilde morte cara a cara
Rasguei poemas, mulheres, horizontes
Fiquei simples, sem fontes.

Pátria minha... A minha pátria não é florão, nem ostenta
Lábaro não; a minha pátria é desolação
De caminhos, a minha pátria é terra sedenta
E praia branca; a minha pátria é o grande rio secular
Que bebe nuvem, come terra
E urina mar.

Mais do que a mais garrida a minha pátria tem
Uma quentura, um querer bem, um bem
Um libertas quae sera tamem
Que um dia traduzi num exame escrito:
"Liberta que serás também"
E repito!

Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração.

Não te direi o nome, pátria minha
Teu nome é pátria amada, é patriazinha
Não rima com mãe gentil
Vives em mim como uma filha, que és
Uma ilha de ternura: a Ilha
Brasil, talvez.

Agora chamarei a amiga cotovia
E pedirei que peça ao rouxinol do dia
Que peça ao sabiá
Para levar-te presto este avigrama:
"Pátria minha, saudades de quem te ama...
Vinicius de Moraes."

Texto extraído do livro "Vinicius de Moraes - Poesia Completa e Prosa", Editora Nova Aguilar - Rio de Janeiro, 1998, pág. 383.

3 textos da revista Gemina (<http://www.geminaliteratura.com.br/>)

Reginaldo Francisco de Oliveira

Minha Terra

Minha terra tem fartura
De milho, caju e feijão
O povo que aqui trabalha
Trabalha sem parar
Quando vem janeiro
Toda a terra se acha preparada
Para plantar milho, abóbora, feijão,
Mandioca e algodão.
É a alegria do homem
Ver a chuva cair no chão,
Para fazer sua plantação
Na terra preparada
Nesse querido sertão.
Tudo que se planta aqui dá,
Basta a chuva cair
Para que tudo possa mudar
E para a felicidade do sertanejo
A chuva não pode faltar.
É prazer do nordestino
Ver a terra molhada,
O gado no campo pastando,
A água no açude,
O bem-te-vi cantando,
O céu nublado.
É aqui que vejo o sol nascer,
O dia perecer,
A noite chegar,
O galo cantar,
Foi aqui que nasci
E aqui quero morrer!

Rose Felliciano

Minha Terra

Tem Sonetos
Tem meus passos, tuas ruas
E como nelas andei...
Amei em noites de lua,
Nas nuas brisas, despertei...
O teu céu é de um azul diferente
As estrelas são confidentes
Carregas meus sonhos, minha vida
Pelas tuas avenidas a desfilar....

És tão bela, minha cidade
Que mesmo em lindas viagens
Sinto saudades de ti...
Em nenhum lugar desse mundo
Haverá porto seguro
Como o que tenho aqui...

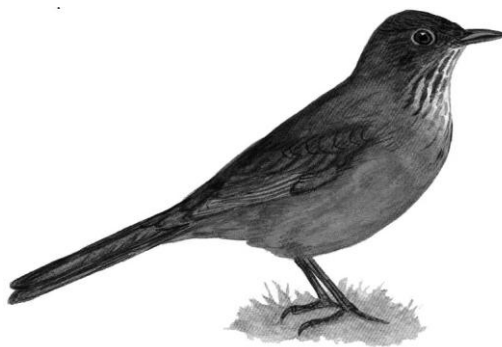
Rubem Braga

Se eu dissesse que cantava, mentiria. Não cantava. Estava quieto; demorou-se algum tempo, depois partiu.

Mas eu presto meu depoimento perante a História. Eu vi. Era um sabiá, e pousou no alto da palmeira. "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá". Não cantou. Ouviu o canto de outro sabiá que cantava longe, e partiu.

Era um sabiá-laranjeira, de peito cor de ferrugem; pousou numa palmeira cheia de cachos de coquinhos, perto da varanda. Ouviu um canto distante, que vinha talvez dos pés de mulungu. Sabeis, naturalmente: é agosto e os mulungus estão floridos, estão em pura flor, cada um é uma grande chama cor de tijolo. Foi de lá que veio um canto saudoso, e meu sabiá-laranjeira partiu.

Mas ele estava pousado na palmeira. Descansa em paz nas ondas do mar, meu velho Antônio Gonçalves Dias; dorme no seio azul de Iemanjá, Antônio. Ainda há sabiás nas palmeiras, ainda há esperança no Brasil.



Consulado-Geral do Brasil / Centro Cultural do Brasil em Barcelona – Casa Amèrica Catalunya

MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL – III Ciclo

Intertextualidades

5 de novembro de 2014

Gui Guimarães
METALINGUAGEM NA CANÇÃO BRASILEIRA



Todo compositor brasileiro
é um complexado.

Por que então esta mania danada,
esta preocupação
de falar tão sério,
de parecer tão sério
de ser tão sério
de sorrir tão sério
de chorar tão sério
de brincar tão sério
de amar tão sério?

Ai, meu Deus do céu,
vai ser sério assim no inferno!

Por que então esta metáfora-coringa
chamada "válida",
que não lhe sai da boca,
como se algum pesadelo
estivesse ameaçando
os nossos compassos
com cadeiras de roda, roda, roda, roda?

E por que então esta vontade
de parecer herói
ou professor universitário
(aquela tal classe
que, ou passa a aprender com os alunos
- quer dizer, com a rua -
ou não vai sobreviver)?

Porque a cobra
já começou
a comer a si mesma pela cauda,
sendo ao mesmo tempo
a fome e a comida.

Tom Zé - **COMPLEXO DE ÉPICO**

A METALINGUAGEM

Thaís Nicoleti De Camargo

Folha de S.Paulo – 5-12-2000

Metalinguagem é a propriedade que tem a língua de voltar-se para si mesma, é a forma de expressão dos dicionários e das gramáticas. O significado do termo, entretanto, ampliou-se e hoje o encontramos associado aos vários tipos de linguagem. Uma música cujo tema seja o próprio fazer musical terá empregado esse recurso. Quem não se lembra do conhecido "Samba de uma Nota Só", de Newton Mendonça, imortalizado na voz de João Gilberto? Diz ele: "Eis aqui este sambinha/ feito numa nota só/ outras notas vão entrar/ mas a base é uma só", trecho entoado em uma nota só.

No cinema moderno, a prática também é razoavelmente comum. Quem assistiu à produção de Woody Allen "A Rosa Púrpura do Cairo" tem aí um bom exemplo de uso de metalinguagem. O título reproduz o título do filme visto repetidas vezes pela personagem, uma jovem que, encantada com a trama do arqueólogo que busca a rosa púrpura do Cairo, vai ao cinema diariamente para assistir ao mesmo filme. Até que o personagem da tela a vê e a convida para entrar em seu mundo de fantasia.

Os dois mundos – o da ficção e o da realidade – mesclam-se, interpenetram-se, e o saldo dessa "confusão" é, paradoxalmente, o distanciamento, que evita que o espectador os confunda. A arte moderna procura despertar a consciência de que ela é obra antes da inteligência que da inspiração das musas.

Machado de Assis faz uso constantemente desse recurso, interpelando o leitor (ou a leitora) e tornando descontínua a leitura. Essa descontinuidade nos impede de misturar realidade com ficção. No caso machadiano, as digressões também produzem esse efeito.

Se o leitor do romantismo vivenciava o drama das personagens a ponto de terminar a leitura dos romances aos prantos, verdade é que o de Machado é levado a distanciar-se da narrativa e a compreender, assim, seu sentido simbólico. Machado, também no uso arrojado dos recursos de expressão, foi um predecessor do modernismo.

O discurso metalinguístico tem sido largamente usado nos quadrinhos e na publicidade em busca ora de uma organização lúdica do pensamento ora de um trocadilho bem-humorado, capaz de capturar a atenção de um eventual consumidor.

De emprego constante na literatura, é difícil encontrar entre os escritores modernos (Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Manuel Bandeira) quem não tenha feito suas incursões no amplo terreno da metalinguagem. Até porque a linguagem converteu-se em tema de debate no modernismo e depois dele.

MÚSICA PARA OUVIR

Arnaldo Antunes

Música para ouvir no trabalho
Música para jogar baralho
Música para arrastar corrente
Música para subir serpente
Música para girar bambolê
Música para querer morrer
Música para escutar no campo
Música para baixar o santo
Música para ouvir
Música para ouvir
Música para ouvir

Música para compor o ambiente
Música para escovar o dente
Música para fazer chover
Música para ninar nenê
Música para tocar novela
Música de passarela
Música para vestir veludo
Música pra surdo-mudo

Música para estar distante
Música para estourar falante
Música para tocar no estádio
Música para escutar rádio
Música para ouvir no dentista
Música para dançar na pista
Música para cantar no chuveiro
Música para ganhar dinheiro

Música para ouvir
Música para ouvir
Música para ouvir

Música pra fazer sexo
Música para fazer sucesso
Música pra funeral
Música para pular carnaval
Música para esquecer de si
Música pra boi dormir
Música para tocar na parada
Música pra dar risada

Música para ouvir
Música para ouvir
Música para ouvir

ELA

Gilberto Gil

Ela
Eu vivo o tempo todo com ela
Ela
Eu vivo o tempo todo pra ela

Minha música
Musa única, mulher
Mãe dos meus filhos, ilhas de amor
Cada ilha, um farol
No mar da porcelana, ela
Ela
Ela que me faz um navegador
Sobretudo ela
Ela que me faz um navegador

FEELING DA MÚSICA

Luiz Melodia

Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar
Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar

De que adianta o carnaval?
Sem música
Passar a noite de natal
Sem música

De que adianta tanto amor?
Sem música
Também dançar no xilindró
Sem música

Fazer a coreografia
Sem música
Dançar axé lá na Bahia
Sem música

Só tem que ter afinação pra música soar
Subir no tom dessa canção
Não pode vacilar

Um toque no seu coração
Que tudo vai vibrar

A minha banda tem seu feeling
É só organizar

Tem solo na harmonia
Tem black na bateria
Tem arranjo de metais

Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar
Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar

De que adianta o alto astral?
Sem música
Vir do sertão pro litoral
Sem música

Poder gritar “alô, Rocinha”
Sem música
Apertar a buzina do Chacrinha
Sem música

Não satisfaz nadar em grana
Sem música
Prefiro até ficar na lama
Com música

Só tem que ter afinação pra música soar
Subir no tom dessa canção
Não pode vacilar

Um toque no seu coração
Que tudo vai vibrar
A minha banda tem seu feeling
É só organizar

Tem solo na harmonia
Tem black na bateria
Tem arranjo de metais

Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar
Eu vou tocar meu violão
A música não pode parar

PODER DA CRIAÇÃO

João Nogueira/ Paulo César Pinheiro

Não, ninguém faz samba só porque prefere
Força nenhuma no mundo interfere
Sobre o poder da criação
Não, não precisa se estar nem feliz nem aflito
Nem se refugiar em lugar mais bonito
Em busca da inspiração
Não, ela é uma luz que chega de repente
Com a rapidez de uma estrela cadente
Que acende a mente e o coração
E faz pensar que existe uma força maior que nos guia
Que está no ar
Bem no meio da noite ou no claro do dia
Chega a nos angustiar
E o poeta se deixa levar por essa magia
E o verso vem vindo e vem vindo uma melodia
E o povo começa a cantar, lá laia laiá
Lá lá laia laiá

QUANDO BATE UMA SAUDADE

Paulinho da Viola

Vem quando bate uma saudade
Triste, carregado de emoção
Ou aflito quando um beijo já não arde
No reverso inevitável da paixão
Quase sempre um coração amargurado
Pelo desprezo de alguém
É tocado pelas cordas de uma viola
É assim que um samba vem
Quando um poeta se encontra
Sozinho num canto qualquer do seu mundo
Vibram acordes, surgem imagens
Soam palavras, formam-se frases
Mágoas, tudo passa com o tempo
Lágrimas são as pedras preciosas da ilusão
Quando, surge a luz da criação no pensamento
Ele trata com ternura o sofrimento
E afasta a solidão

CERTAS CANÇÕES

Milton Nascimento

Certas canções que ouço
Cabem tão dentro de mim
Que perguntar carece
Como não fui eu que fiz?

Certa emoção me alcança
Corta-me a alma sem dor
Certas canções me chegam
Como se fosse o amor

Contos da água e do fogo
Cacos de vidas no chão
Cartas do sonho do povo
E o coração pro cantor

Vida e mais vida ou ferida
Chuva, outono, ou mar
Carvão e giz, abrigo
Gesto molhado no olhar

Calor que invade, arde, queima, encoraja
Amor que invade, arde, carece de cantar

MINHA MÚSICA

Adriana Calcanhoto

Minha música não quer
Ser útil
Não quer ser moda
Não quer estar certa...

Minha música não quer
Ser bela
Não quer ser má
Minha música não quer
Nascer pronta...

Minha música não quer
Redimir mágoas
Nem dividir águas
Não quer traduzir
Não quer protestar...

Minha música não quer
Me pertencer

Não quer ser sucesso
Não quer ser reflexo
Não quer revelar nada...

Minha música não quer
Ser sujeito
Não quer ser história
Não quer ser resposta
Não quer perguntar...

Minha música quer estar
Além do gosto
Não quer ter rosto
Não quer ser cultura...

Minha música quer ser
De categoria nenhuma
Minha música quer
Só ser música
Minha música
Não quer pouco...

PALAVRAS, ACORDES

Gui Guimarães

Palavras podem surgir de acordes
Paisagens podem surgir de versos
Diversos versos podem sair de retratos
Retratos descritos em uma canção

Procurei
Os retratos no meio da minha cabeça,
Pedaços de letras
Misturei, recortei e coleí
Na teia infinita da inspiração,
Perdoei, o poema antigo que ficou na memória
Assoviando lá fora
Eu vi na paisagem
Passar a canção

MINHA MISSÃO

João Nogueira/ Paulo César Pinheiro

Quando eu canto
É para aliviar meu pranto
E o pranto de quem já

Tanto sofreu
Quando eu canto
Estou sentindo a luz de um santo
Estou ajoelhando
Aos pés de Deus
Canto para anunciar o dia
Canto para amenizar a noite
Canto pra denunciar o açoite
Canto também contra a tirania
Canto porque numa melodia
Acendo no coração do povo
A esperança de um mundo novo
E a luta para se viver em paz!

Do poder da criação
Sou continuação
E quero agradecer
Foi ouvida minha súplica
Mensageiro sou da música
O meu canto é uma missão
Tem força de oração
E eu cumpro o meu dever
Aos que vivem a chorar
Eu vivo pra cantar
E canto pra viver

Quando eu canto, a morte me percorre
E eu solto um canto da garganta
Que a cigarra quando canta morre
E a madeira quando morre, canta!

LÍNGUA

Caetano Veloso

Gostoa de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar a criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade
E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixe os Portugais morrerem à míngua
"Minha pátria é minha língua"
Fala Mangueira! Fala!

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos surfistas
Sejamos imperialistas! Cadê? Sejamos imperialistas!
Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda
E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate
E – xeque-mate – explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
Lobo do lobo do lobo do homem
Adoro nomes
Nomes em ã
De coisas como rã e ímã
Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
Nomes de nomes
Como Scarlet Moon de Chevalier, Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé
e Maria da Fé

Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica latim em pó
O que quer
O que pode esta língua?

Se você tem uma ideia incrível é melhor fazer uma canção
Está provado que só é possível filosofar em alemão
Blitz quer dizer corisco
Hollywood quer dizer Azevedo
E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
A língua é minha pátria
E eu não tenho pátria, tenho matéria
E quero fratria
Poesia concreta, prosa caótica
Ótica futura
Samba-rap, chic-left com banana
(- Será que ele está no Pão de Açúcar?
- Tá craude brô
- Você e tu
- Lhe amo
- Qué queu te faço, nego?
- Bote ligeiro!
- Ma' de brinquinho, Ricardo!? Teu tio vai ficar desesperado!
- Ó Tavinho, põe camisola pra dentro, assim mais pareces um espantalho!
- I like to spend some time in Mozambique
- Arigatô, arigatô!)
Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

INFLUÊNCIA DO JAZZ

Carlos Lyra

Pobre samba meu
Foi se misturando, se modernizando, e se perdeu
E o rebolado cadê?, não tem mais
Cadê o tal gingado que mexe com a gente
Coitado do meu samba, mudou de repente
Influência do jazz

Quase que morreu
E acaba morrendo, está quase morrendo, não percebeu
Que o samba balança de um lado pro outro
O jazz é diferente, pra frente pra trás
E o samba meio morto ficou meio torto
Influência do jazz

No afro-cubano, vai complicando
Vai pelo cano, vai
Vai entortando, vai sem descanso
Vai, sai, cai... no balanço!

Pobre samba meu
Volta lá pro morro e pede socorro onde nasceu
Pra não ser um samba com notas demais
Não ser um samba torto pra frente pra trás
Vai ter que se virar pra poder se livrar
Da influência do jazz

VAI PASSAR

Chico Buarque

Vai passar
Nessa avenida um samba popular
Cada paralelepípedo
Da velha cidade
Essa noite vai
Se arrepiar
Ao lembrar
Que aqui passaram sambas imortais
Que aqui sangraram pelos nossos pés
Que aqui sambaram nossos ancestrais

Num tempo
Página infeliz da nossa história
Passagem desbotada na memória
Das nossas novas gerações

Dormia

A nossa pátria mãe tão distraída
Sem perceber que era subtraída
Em tenebrosas transações

Seus filhos

Erravam cegos pelo continente
Levavam pedras feito penitentes
Erguendo estranhas catedrais
E um dia, afinal
Tinham direito a uma alegria fugaz
Uma ofegante epidemia
Que se chamava carnaval
O carnaval, o carnaval
(Vai passar)

Palmas pra ala dos barões famintos
O bloco dos napoleões retintos
E os pigmeus do bulevar
Meu Deus, vem olhar
Vem ver de perto uma cidade a cantar
A evolução da liberdade
Até o dia clarear

Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral vai passar
Ai, que vida boa, olerê
Ai, que vida boa, olará
O estandarte do sanatório geral
Vai passar

Apêndice – OUTRAS CANÇÕES METALINGUÍSTICAS

Chico Buarque - **AGORA FALANDO SÉRIO**

Agora falando sério
Eu queria não cantar
A cantiga bonita
Que se acredita
Que o mal espanta
Dou um chute no lirismo
Um pega no cachorro
E um tiro no sabiá
Dou um fora no violino
Faço a mala e corro
Pra não ver banda passar (...)

Chico Buarque/Edu Lobo - **CHORO BANDIDO**

Mesmo que os cantores sejam falsos como eu
Serão bonitas, não importa
São bonitas as canções
Mesmo miseráveis os poetas
Os seus versos serão bons
Mesmo porque as notas eram surdas
Quando um deus sonso e ladrão
Fez das tripas a primeira lira
Que animou todos os sons
E daí nasceram as baladas
E os arroubos de bandidos como eu
Cantando assim:
Você nasceu para mim
Você nasceu para mim (...)

Chico Buarque - **CORRENTE**

Eu hoje fiz um samba bem pra frente
Dizendo realmente o que é que eu acho

Eu acho que o meu samba é uma corrente
E coerentemente assino embaixo

Hoje é preciso refletir um pouco
E ver que o samba está tomando jeito

Só mesmo embriagado ou muito louco
Pra contestar e pra botar defeito (...)

Chico Buarque - **MEU REFRÃO**

Quem canta comigo
Canta o meu refrão
Meu melhor amigo
É meu violão

Eu nasci sem sorte
Moro num barraco
Mas meu santo é forte
E o samba é meu fraco
No meu samba eu digo
O que é de coração
Mas quem canta comigo
Canta o meu refrão (...)

Chico Buarque - **OLÉ, OLÁ**

Não chore ainda não
Que eu tenho um violão
E nós vamos cantar
Felicidade aqui
Pode passar e ouvir
E se ela for de samba
Há de querer ficar

Seu padre, toca o sino
Que é pra todo mundo saber
Que a noite é criança
Que o samba é menino
Que a dor é tão velha
Que pode morrer
Olê olê olê olá
Tem samba de sobra
Quem sabe sambar
Que entre na roda
Que mostre o gingado
Mas muito cuidado
Não vale chorar (...)

Chico Buarque/Tom Jobim - **PIANO NA MANGUEIRA**

Mangueira
Estou aqui na plataforma
Da Estação Primeira
O morro veio me chamar
De terno branco e chapéu de palha
Vou me apresentar à minha nova parceira
Já mandei subir o piano pra Mangueira

A minha música não é de levantar poeira

Mas pode entrar no barracão
Onde a cabrocha pendura a saia
No amanhecer da quarta-feira
Mangueira
Estação Primeira de Mangueira

Chico Buarque - **QUALQUER CANÇÃO**

Qualquer canção de amor
É uma canção de amor
Não faz brotar amor
E amantes
Porém, se essa canção
Nos toca o coração
O amor brota melhor
E antes

Qualquer canção de dor
Não basta a um sofredor
Nem cerze um coração
Rasgado
Porém, inda é melhor
Sofrer em dó menor
Do que você sofrer
Calado

Qualquer canção de bem
Algum mistério tem
É o grão, é o germe, é o gen
Da chama
E essa canção também
Corrói como convém
O coração de quem
Não ama

Chico Buarque - **QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ**

(...) O meu samba se marcava na cadência dos seus passos
O meu sono se embalava no carinho dos seus braços
Hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão
Pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão (...)

Chico Buarque - **RODA-VIVA**

(...) A roda da saia, a mulata
Não quer mais rodar, não senhor
Não posso fazer serenata
A roda de samba acabou
A gente toma a iniciativa
Viola na rua, a cantar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a viola pra lá

Roda mundo, roda-gigante
Rodamoinho, roda pião
O tempo rodou num instante
Nas voltas do meu coração

O samba, a viola, a roseira
Um dia a fogueira queimou
Foi tudo ilusão passageira
Que a brisa primeira levou
No peito a saudade cativa
Faz força pro tempo parar
Mas eis que chega a roda-viva
E carrega a saudade pra lá (...)

Chico Buarque/Jorge Helder- **RUBATO**

Aurora, eu fiz agora
Venha, Aurora, ouvir agora
A nossa música
Depressa, antes que um outro compositor
Me roube e toque e troque as notas no song book
E estrague tudo e exponha na televisão
O nosso amor
A nossa íntima canção
Os nossos segredos escancarados
Nos trinados de um ladrão
Que vai cantando sem pudor
A minha última canção
Venha, meu amor, venha ouvir, Aurora
A nossa música (...)

Chico Buarque - **TEM MAIS SAMBA**

Tem mais samba no encontro que na espera
Tem mais samba a maldade que a ferida
Tem mais samba no porto que na vela
Tem mais samba o perdão que a despedida
Tem mais samba nas mãos do que nos olhos
Tem mais samba no chão do que na lua
Tem mais samba no homem que trabalha

Tem mais samba no som que vem da rua
Tem mais samba no peito de quem chora
Tem mais samba no pranto de quem vê
Que o bom samba não tem lugar nem hora
O coração de fora
Samba sem querer

Vem que passa
Teu sofrer
Se todo mundo sambasse
Seria tão fácil viver

Chico Buarque - **UM CHORINHO**

Ai, o meu amor, a sua dor, a nossa vida
Já não cabem na batida
Do meu pobre cavaquinho
Quem me dera
Pelo menos um momento
Juntar todo sofrimento
Pra botar nesse chorinho
Ai, quem me dera ter um choro de alto porte
Pra cantar com a voz bem forte
E anunciar a luz do dia
Mas quem sou eu
Pra cantar alto assim na praça
Se vem dia, dia passa
E a praça fica mais vazia (...)

Chico Buarque/Edu Lobo - **UMA CANÇÃO INÉDITA**

Dentro do seu coração
Guarde esta canção inédita
Que num cantinho intocado
Será pra sempre inédita
Pode tudo consumir
O tempo que passa feroz
Mas esta valsa há de deixar pra nós

Fiz uma canção discreta
Só para você
Ninguém pode saber da letra
Que você lê (...)

Paulinho da Viola – **ARGUMENTO**

Tá legal
Tá legal, eu aceito o argumento
Mas não me altere o samba tanto assim

Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um cavaco, de um pandeiro ou de um tamborim

Sem preconceito ou mania de passado
Sem querer ficar do lado de quem não quer navegar

Faça como um velho marinheiro
Que durante o nevoeiro
Leva o barco devagar

Newton Mendonça/Tom Jobim - **SAMBA DE UMA NOTA SÓ**

Eis aqui este sambinha feito numa nota só
Outras notas vão entrar mas a base é uma só
Esta outra é consequência do que acabo de dizer
Como eu sou a consequência inevitável de você

Quanta gente existe por aí que fala tanto
E não diz nada ou quase nada
Já me utilizei de toda a escala
No final não sobrou nada, não deu em nada
E voltei pra minha nota como eu volto pra você
Vou contar com a minha nota
como eu gosto de você

E quem quer todas as notas: ré mi fá sol lá si dó
Fica sempre sem nenhuma fique numa nota só

Dorival Caymmi - **O SAMBA DA MINHA TERRA**

O samba da minha terra
Deixa a gente mole
Quando se dança
Todo mundo bole

Quem não gosta de samba
Bom sujeito não é
É ruim da cabeça
Ou doente do pé
Eu nasci com o samba
No samba me criei
E do danado do samba
Nunca me separei

Caetano Veloso - **DESDE QUE O SAMBA É SAMBA**

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite e a chuva que cai lá fora

Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora

O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou
O samba não vai morrer
Veja, o dia ainda não raiou

O samba é o pai do prazer
O samba é o filho da dor
O grande poder transformador

Edson Conceição e Aloísio - **NÃO DEIXE O SAMBA MORRER**

Quando eu não puder pisar mais na avenida
Quando as minhas pernas não puderem aguentar
Levar meu corpo junto com meu samba
O meu anel de bamba entrego a quem mereça usar
Eu vou ficar no meio do povo espiando
Minha escola perdendo ou ganhando
Mais um carnaval
Antes de me despedir
Deixo ao sambista mais novo
O meu pedido final

Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba pra gente sambar

João de Aquino/Paulo César Pinheiro - **VIAGEM**

(...)
Vamos visitar a estrela / Da manhã raiada
Que pensei perdida / Pela madrugada
Mas vai escondida, querendo brincar
Senta nessa nuvem clara / Minha poesia
Anda, se prepara / Traz uma cantiga
Vamos espalhando música no ar

Olha, quantas aves brancas / Minha poesia
Dançam nossa valsa / Pelo céu que um dia
Fez todo bordado de raios de sol
Oh poesia me ajude / Vou colher avencas
Lírios, rosas, dalias / Pelos campos verdes
Que você batiza de jardins do céu (...)

Sinval Silva - **ADEUS BATUCADA**

Adeus
Adeus
Meu pandeiro de bamba
Tamborim de samba
Já é de madrugada
Vou-me embora chorando
Com o meu coração sorrindo
E vou deixar todo mundo
Valorizando a batucada

Criança, com o samba eu vivia sonhando
Acordado, eu estava tristonho, chorando
Jóia que se perde no mar
Só se encontra no fundo
Samba, mocidade
Sambando se goza neste mundo

E do meu grande amor eu sempre me despedi cantando
Mas da batucada agora eu despeço chorando
Guardo no lenço uma lágrima sentida
Adeus batucada,
Adeus batucada querida

Sidney Miller - **MEU VIOLÃO**

Meu violão, meu coração que canta
Quanto mal espanta, quanta dor desfaz
Pois faz de conta que me fez contente
Que eu não choro mais
Fala o que sente seja o samba o que ele for
Mas de repente vem falar do meu amor
Pra dar ao samba um tom maior
Pra dar ao verso seu valor

...

Meu Violão já quis fazer feitiço e não pegou
Sem compromisso batucou verdades
Que ninguém falou cantou
E agora insiste no meu samba alegre

No meu choro triste na minha canção
Pra se fazer ouvir
Faz da esperança a melodia
E traz a luz do dia como inspiração (...)

Sidney Miller - **ALÔ FEVEREIRO**

Tamborim avisou, cuidado
Violão respondeu, me espera
Cavaquinho atacou, dobrado
Quando o apito chegou, já era
Veio o surdo e bateu, tão forte
Que a cuíca gemeu, de medo
E o pandeiro dançou, que sorte
Fazer samba não é brinquedo
Todo mês de fevereiro, morena
Carnaval te espera
Querem te botar feitiço, morena
Mas também pudera
Se ele pega no teu corpo
Vai ter gente enlouquecida
Querendo entender a tua dança
Querendo saber da tua vida

Gilberto Gil - **AMO TANTO VIVER**

Todas as vezes que eu canto é amor
Transfigurado na luz
Nos raios mágicos de um refletor
Na cor que o instante produz

Todas as vezes que eu canto é a dor
Todos os fios da voz
Todos os rios que o pranto chorou
Na vida de todos nós

Tudo que eu sei aprendi
Olhando o mundo dali
Do patamar da canção
Que deixa descortinar
O cenário da paixão
Onde vejo a vagar meu coração

Tudo que eu canto é a fé, é o que é
É o que há de criar mais beleza
Beleza que é presa do tempo
E, a um só tempo, eterna no ser

Toquinho - **ACORDE SOLTO NO AR**

Quando do meu violão
Solto um acorde no ar
É como quem bebe um chope
Num canto de bar.

Ou quem sai do cinema
Com o amor de domingo;
Quem vai pra Bahia
Brincar no carnaval.

Quando do meu violão
Solto um acorde no ar
É como quem sente a vida
No tempo passar.

Ou quem busca na esquina
O amor de seu dia;
Quem faz da alegria
O seu quintal.

Consulado-Geral do Brasil / Centro Cultural do Brasil em Barcelona – Casa Amèrica Catalunya

MÚSICA E SOCIEDADE NO BRASIL – III Ciclo

Intertextualidades

26 de novembro de 2014

Darlly Maia



*Intertextualidades
musicais: canção
cita canção,
autor cita autor*

SAMBA DA BÊNÇÃO

Baden Powel e Vinícius de Moraes

É melhor ser alegre que ser triste
A alegria é melhor coisa que existe
É assim como a luz no coração

Mas pra fazer um samba com beleza
É preciso um bocado de tristeza
Preciso um bocado de tristeza
Senão não se faz um samba não

Fazer samba não é contar piada
Quem faz samba assim não é de nada
Um bom samba é uma forma de oração

Porque o samba é a tristeza que balança
E a tristeza tem sempre uma esperança
A tristeza tem sempre uma esperança
De um dia não ser mais triste não

Ponha um pouco de amor, uma cadência,
E vai ver que ninguém no mundo vence
A beleza que tem um samba, não

Porque o samba nasceu lá na Bahia
E se hoje ele é branco na poesia
Se hoje é branco na poesia
Ele é negro e demais no coração

Texto

Senão é como amar uma mulher só linda. E daí?
 Uma mulher tem que ter qualquer coisa além de beleza
 Qualquer coisa de triste, qualquer coisa que chora
 Qualquer coisa que sente saudade
 Um molejo de amor machucado
 Uma beleza que vem da tristeza
 De se saber mulher
 Feita apenas para amar
 Para sofrer pelo seu amor
 E pra ser só perdão

Feito essa gente que anda por aí
 Brincando com a vida
 Cuidado, companheiro! A vida é pra valer
 E não se engane não, tem uma só
 Duas mesmo que é bom
 Ninguém vai me dizer que tem
 Sem provar muito bem provado
 Com certidão passada em cartório do céu
 E assinado embaixo: Deus
 E com firma reconhecida!
 A vida não é de brincadeira, amigo
 A vida é arte do encontro
 Embora haja tanto desencontro pela vida
 Há sempre uma mulher à sua espera
 Com os olhos cheios de carinho
 E as mãos cheias de perdão
 Ponha um pouco de amor na sua vida
 Como no seu samba

Eu, por exemplo, o capitão do mato
 Vinicius de Moraes
 Poeta e diplomata
 O branco mais preto do Brasil
 Na linha direta de Xangô, saravá!
 A bênção, Senhora
 A maior ialorixá da Bahia
 Terra de Caymmi e João Gilberto
 A bênção, Pixinguinha
 Tu que choraste na flauta
 Todas as minhas mágoas de amor
 A bênção, Sinhô, a bênção, Cartola
 A bênção, Ismael Silva
 Sua bênção, Heitor dos Prazeres
 A bênção, Nelson Cavaquinho
 A bênção, Geraldo Pereira
 A bênção, meu bom Cyro Monteiro
 Você, sobrinho de Nonô
 A bênção, Noel, sua bênção, Ary
 A bênção, todos os grandes
 Sambistas do Brasil
 Branco, preto, mulato
 Lindo como a pele macia de Oxum
 A bênção, maestro Antônio Carlos Jobim
 Parceiro e amigo querido
 Que já viajaste tantas canções comigo

Caymmi
 João Gilberto
 Pixinguinha
 Sinhô
 Cartola
 Ismael Silva
 Heitor dos Prazeres
 Nelson Cavaquinho
 Geraldo Pereira
 Cyro Monteiro
 Noel (Rosa)
 Ary (Barroso)
 Todos os grandes sambistas do
 Brasil
 Antônio Carlos Jobim
 Carlinhos Lyra
 Baden Powell
 Moacir Santos

E ainda há tantas por viajar
A bênção, Carlinhos Lyra
Parceirinho cem por cento
Você que une a ação ao sentimento
E ao pensamento
A bênção, a bênção, Baden Powell
Amigo novo, parceiro novo
Que fizeste este samba comigo
A bênção, amigo
A bênção, maestro Moacir Santos
Não és um só, és tantos como
O meu Brasil de todos os santos
Inclusive meu São Sebastião
Saravá! A bênção, que eu vou partir
Eu vou ter que dizer adeus

SAMPA

Caetano Veloso

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga com a avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas
Ainda não havia para mim **Rita Lee**, a tua mais completa tradução
Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e a avenida São João

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto o mau gosto
É que Narciso acha feio o que não é espelho
E a mente apavora o que ainda não é mesmo velho
Nada do que não era antes quando não somos mutantes
E foste um difícil começo, afasta o que não conheço
E quem vem de outro sonho feliz de cidade
Aprende depressa a chamar-te de realidade
Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso

Do povo oprimido nas filas, nas vilas, favelas
Da força da grana que ergue e destrói coisas belas
Da feia fumaça que sobe apagando as estrelas
Eu vejo surgir teus poetas e campos e espaços
Tuas oficinas de florestas, teus deuses da chuva
Panaméricas de Áfricas utópicas, tumulto do samba
Mais possível novo quilombo de Zumbi
E os novos baianos passeiam na tua garoa
E os novos baianos te podem curtir numa boa

*Rita Lee - a tua mais
completa tradução*



SINA

Djavan

Pai e mãe, ouro de mina
Coração, desejo e sina
Tudo mais, pura rotina, jazz
Tocarei seu nome pra poder falar de amor
Minha princesa, art nouveau
Da natureza, tudo o mais
Pura beleza, jazz
A luz de um grande prazer é irremediável neon
Quando o grito do prazer açoitar o ar, reveillon

O luar, estrela do mar
O sol e o dom, quiçá, um dia a fúria
Desse front virá lapidar
O sonho até gerar o som
Como querer **caetane**ar o que há de bom

Como querer
caetanear o que
há de bom

PRECISO APRENDER A SÓ SER <i>Gilberto Gil</i> Sabe, gente É tanta coisa pra gente saber O que cantar, como andar, onde ir O que dizer, o que calar, a quem querer Sabe, gente É tanta coisa que eu fico sem jeito Sou eu sozinho e esse nó no peito Já desfeito em lágrimas que eu luto pra esconder Sabe, gente Eu sei que no fundo o problema é só da gente É só do coração dizer não quando a mente Tenta nos levar pra casa do sofrer E quando escutar um samba-canção Assim como "Eu preciso aprender a ser só" Reagir e ouvir o coração responder: "Eu preciso aprender a só ser"	EU PRECISO APRENDER A SER SÓ <i>Marcos Valle - Paulo Sérgio Valle</i> Ah, se eu te pudesse fazer entender Sem teu amor eu não posso viver Que sem nós dois o que resta sou eu Eu, assim tão só E eu preciso aprender a ser só Poder dormir sem sentir teu amor E ver que foi só um sonho e passou Ah, o amor Quando é demais ao findar leva a paz Me entreguei sem pensar Que a saudade existe e se vem é tão triste Vê, meus olhos choram a falta dos teus Estes teus olhos que foram tão meus Por Deus entenda que assim eu não vivo Eu morro pensando no nosso amor. Ah! O amor, no nosso amor "Preciso aprender a ser só" foi premiada pela Rádio <i>Jornal do Brasil</i> como a melhor canção de 1965
---	---

FORRÓBÓDÓ

Paulinho da Bahia e Darlly Maia

Aqui tem forróbódó, forró daqui forró de lá
Forró vem lá do nordeste, é quente e gostoso pra bailar

Nós somos forróbódó com toda satisfação
Com um pé em Barcelona, outro lá no sertão
Vou cantando pelo mundo junto com o Rei Gonzagão
E contando a minha história de xote, xaxado e baião (eu falei)

Baião, xote, xaxado e
Baião, é quente e gostoso...
Baião, Trio Forróbódó, meu irmão

Onde tem forróbódó é pura celebração
Muita festa muita dança e muita movida no salão
Tá dançando todo mundo bate forte o coração
Embalando a nossa história com xote, xaxado e baião (eu falei)

Vou cantando
pelo mundo
junto com o
Rei Gonzagão

DOM DE ILUDIR

Caetano Veloso

Não me venha falar da malícia de toda mulher
Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é
Não me olhe como se a polícia andasse atrás de mim
Cale a boca e não cale na boca notícia ruim

Você sabe explicar, você sabe entender tudo bem
Você está, você é, você faz, você quer, você tem
Você diz a verdade e a verdade é o seu dom de iludir
Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir

PRA QUE MENTIR?

Vadico e Noel Rosa

Para que mentir
tu ainda não tens
Esse dom de saber iludir?
Pra quê? Pra que mentir,
Se não há necessidade
De me trair?

Pra que mentir
Se tu ainda não tens
A malícia de toda mulher?
Pra que mentir, se eu sei
Que gostas de outro
Que te diz que não te quer?

Pra que mentir tanto assim
Se tu sabes que eu sei
Que tu não gostas de mim?
Se tu sabes que eu te quero
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero
Ou por teu amor fingido?

PARA LENNON E MCCARTNEY

Lô Borges, Marcio Borges e Fernando Brant

Por que vocês não sabem do lixo ocidental?
Não precisam mais temer
Não precisam da solidão
Todo dia é dia de viver

Por que você não verá meu lado ocidental?
Não precisa medo não
Não precisa da timidez
Todo dia é dia de viver

Eu sou da América do Sul
Eu sei, vocês não vão saber
Mas agora sou cowboy
Sou do ouro, eu sou vocês
Sou do mundo, sou Minas Gerais

CANTEIROS <i>Fagner</i> Quando penso em você Fecho os olhos de saudade Tenho tido muita coisa, Menos a felicidade Correm os meus dedos longos Em versos tristes que invento Nem aquilo a que me entrego Já me dá contentamento Pode ser até amanhã, cedo claro feito dia Mas nada do que me dizem me faz sentir alegria Eu só queria ter no mato um gosto de framboesa Pra correr entre os canteiros e esconder minha tristeza Que eu ainda sou bem moço pra tanta tristeza E deixemos de coisa, cuidemos da vida, Pois se não chega a morte ou coisa parecida E nos arrasta a moço sem ter visto a vida <i>É pau, é pedra, é o fim do caminho É um resto de toco, é um pouco sozinho São as águas de março fechando o verão É a promessa de vida no seu coração</i>	MARCHA Cecília Meireles <i>fragmento</i> ... Gosto da minha palavra pelo sabor que lhe deste: mesmo quando é linda, amarga como qualquer fruto agreste. Mesmo assim amarga, é tudo que tenho, entre o sol e o vento: meu vestido, minha música, meu sonho e meu alimento. Quando penso no teu rosto, fecho os olhos de saudade; tenho visto muita coisa, menos a felicidade. Soltam-se os meus dedos ristes, dos sonhos claros que invento. Nem aquilo que imagino já me dá contentamento.
---	---

DEBAIXO DOS CARACÓIS DOS SEUS CABELOS

Roberto Carlos e Erasmo Carlos

Um dia a areia branca seus pés irão tocar
E vai molhar seus cabelos a água azul do mar
Janelas e portas vão se abrir pra ver você chegar
E ao se sentir em casa sorrindo vai chorar

Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
Uma história pra contar
De um mundo tão distante
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos
Um soluço e a vontade
De ficar mais um instante

As luzes e o colorido que você vê agora
Nas ruas por onde anda, na casa onde mora
Você olha tudo e nada lhe faz ficar contente
Você só deseja agora voltar pra sua gente

Você anda pela tarde e o seu olhar tristonho
Deixa sangrar no peito uma saudade um sonho
Um dia vou ver você chegando num sorriso
Pisando a areia branca que é seu paraíso



GALOPE

Gonzaguinha

O galope só é bom quando é à beira-mar
O galope só é bom quando se pode amar
Esse mote só é bom bem livre de cantar
Falar em morte só é bom quando é pra banda de lá
Ê, sacode a poeira
Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança

Casa de ferreiro, espeto de pau
Quem não engole espinha nunca vai se dar mal
Quem não dança minha dança melhor nem chegar
Se puxou do punhal, ah, tem que sangrar ê
Tem que sangrar ah, tem que sangrar ê
Ê sacode a poeira
Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança

Me de um 'cadinho de cachaça
Me aqueça, me aperte, me abraça
Depressa, correndo, bem ligeiro
Me dê teu perfume, dê um cheiro
Encoste em meu peito, coração
Vamos mostrar pr'esses cabras **como se dança o baião**
E quem quiser aprender é melhor prestar atenção
Ê sacode a poeira
Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança

Fez que nem carrapeta no chão
E virar folha seca no ar

Galope à Beira-Mar

Gênero muito apreciado pelos apologistas da Poesia Popular que, juntamente com o Martelo, recebeu a denominação de Décima de versos compridos. O Galope é assim chamado em virtude de ser empregado mais em temas praieiros. É constituído de uma estrofe de dez versos de onze sílabas, com o estribilho cuja palavra final é mar.

BAIÃO

Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira

Eu vou mostrar pra vocês
Como se dança o baião
E quem quiser aprender
É favor prestar atenção...

Pra poder disputar meu baião
 Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança,
 Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança,
 Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança,
 Ê sacode a poeira
 Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança

Deixa essa criança chorar
 Deixa essa criança chorar
 Não adianta cara feia
 Nem adianta se zangar
 Que ela só vai parar quando essa fome passar
Seu doutor uma esmola
A um pobre que é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão
Ê sacode a poeira
 Imbalança, imbalança, imbalança, imbalança

VOZES DA SECA

Luiz Gonzaga / Zé Dantas

Seu doutor os nordestinos
 Têm muita gratidão
 Pelo auxílio dos sulistas
 Nesta seca do sertão
Mas doutor, uma esmola
A um homem que é são
Ou lhe mata de vergonha
Ou vicia o cidadão.

APENAS UM RAPAZ LATINO-AMERICANO

Belchior

Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco
 Sem parentes importantes e vindo do interior
 Mas trago, de cabeça, uma canção do rádio
 Em que um antigo compositor baiano me dizia

Tudo é divino, tudo é maravilhoso

Tenho ouvido muitos discos, conversado com pessoas,
 Caminhado meu caminho, papo, som dentro da noite
 E não tenho um amigo sequer que ainda acredite nisso, não,
 Tudo muda e com toda razão
 Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco
 Sem parentes importantes e vindo do interior
 Mas sei que tudo é proibido, aliás, eu queria dizer
 Que tudo é permitido até beijar você no escuro do cinema
 Quando ninguém nos vê
 Não me peça que lhe faça uma canção como se deve
 Correta, branca, suave, muito limpa, muito leve
 Sons, palavras, são navalhas e eu não posso cantar como convém
 Sem querer ferir ninguém
 Mas não se preocupe, meu amigo, com os horrores que eu lhe digo
 Isso é somente uma canção, a vida, a vida realmente é diferente
 Quer dizer, a vida é muito pior
 Eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem dinheiro no banco
 Por favor não saque a arma no *saloon*, eu sou apenas um cantor
 Mas se depois de cantar você ainda quiser me atirar

Mate-me logo, à tarde, às três, que à noite tenho um compromisso
 E não posso faltar por causa de você
 Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco
 Sem parentes importantes e vindo do interior
 Mas sei que nada é divino, nada, nada é maravilhoso
 Nada, nada é secreto, nada, nada é misterioso, não

DIVINO MARAVILHOSO

Caetano Veloso

...
 Atenção, tudo é perigoso
 Tudo é divino maravilhoso
 Atenção para o refrão
 É preciso estar atento e forte
 Não temos tempo de temer a morte
 Não temos tempo de temer a morte
 ...

VACA PROFANA

Caetano Veloso

Respeito muito minhas lágrimas
Mas ainda mais minha risada
Inscrevo, assim, minhas palavras
Na voz de uma mulher sagrada
Vaca profana, põe teus cornos
Pra fora e acima da manada
Vaca profana, põe teus cornos
Pra fora e acima da manada
Ê, ê, ê, ê, ê,
Dona das divinas tetas
Derrama o leite bom na minha cara
E o leite mau na cara dos caretas

Segue a "movida Madrileña"
Também te mata Barcelona
Napoli, Pino, Pi, Paus, Punks
Picassos movem-se por Londres
Bahia, onipresentemente
Rio e belíssimo horizonte
Bahia, onipresentemente
Rio e belíssimo horizonte
Ê, ê, ê, ê, ê,
Vaca de divinas tetas
La leche buena toda en mi garganta
La mala leche para los "puretas"

Quero que pinte um amor Bethânia
Stevie Wonder, andaluz
Como o que tive em Tel Aviv
Perto do mar, longe da cruz
Mas em composição cubista
Meu mundo Thelonus Monk's blues
Mas em composição cubista
Meu mundo Thelonus Monk's
Ê, ê, ê, ê, ê,
Vaca das divinas tetas
Teu bom só para o oco, minha falta
E o resto inunde as almas dos caretas

Sou tímido e espalhafatoso
Torre traçada por Gaudí
São Paulo é como o mundo todo
No mundo, um grande amor perdi
Caretas de Paris e New York
Sem mágoas, estamos aí
Caretas de Paris e New York
Sem mágoas estamos aí
Ê, ê, ê, ê, ê,
Dona das divinas tetas
Quero teu leite todo em minha alma
Nada de leite mau para os caretas

Pino Daniele (Napoli)
Pi de la Serra
Pau - Pau Riba

Maria Bethânia
Stevie Wonder
Thelonus Monk

Meu bem, meu mal
Caetano Veloso

Você é meu caminho
Meu vinho, meu vício
Desde o início estava você

Meu bálsamo benigno
Meu signo, meu guru
Porto seguro onde eu vou ter

Meu mar e minha mãe
Meu medo e meu champanhe
Visão do espaço sideral

Onde o que eu sou se afoga
Meu fumo e minha ioga
Você é minha droga
Paixão e carnaval

Meu zen, meu bem, meu mal

Mas eu também sei ser careta
De perto, ninguém é normal
Às vezes, segue em linha reta
A vida, que é "meu bem, meu mal"
No mais, as "ramblas" do planeta
"Orchata de chufla, si us plau"
No mais, as "ramblas" do planeta
"Orchta de chufla, si us plau"
Ê, ê, ê, ê, ê,
Deusa de assombrosas tetas
Gotas de leite bom na minha cara
Chuva do mesmo bom sobre os caretas

A VOLTA DA ASA BRANCA <i>Luiz Gonzaga / Zé Dantas</i> Já faz três noites que pro norte relampeia A Asa Branca ouvindo o ronco do trovão Já bateu asa e vortou pro meu sertão Ai, ai, eu vou mimbora, vou cuidar da plantação Já bateu asa e vortou pro meu sertão Ai, ai, eu vou mimbora, vou cuidar da plantação A seca fez eu desertar da minha terra Mas felizmente Deus agora se alembrou De mandar chuva pr'esse sertão sofredor Sertão das muié séria, dos home trabaiaidô De mandar chuva pr'esse sertão sofredor Sertão das muié séria, dos home trabaiaidô Rios correndo, as cachoeiras tão zoando Terra moiada mato verde que riqueza E a Asa Branca à tarde canta, que beleza! Ai, ai o povo alegre, mais alegre a natureza E a Asa Branca à tarde canta, que beleza! Ai, ai o povo alegre, mais alegre a natureza Sentindo a chuva me arrecordo de Rosinha A linda flor do meu sertão pernambucano E se a safra não atrapaiá meus prano Que que há ô seu vigário, vou casar no fim do ano E se a safra não atrapaiá meus prano Que que há ô seu vigário, vou casar no fim do ano	ASA BRANCA <i>Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira</i> Quando olhei a terra ardendo Qual a fogueira de São João Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação Que braseiro, que fomalha Nem um pé de prantação Por falta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão Por farta d'água perdi meu gado Morreu de sede meu alazão Inté mesmo a asa branca Bateu asas do sertão Então eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração Então eu disse, adeus Rosinha Guarda contigo meu coração Hoje longe, muitas léguas Numa triste solidão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão Espero a chuva cair de novo Pra mim voltar pro meu sertão Quando o verde dos teus olhos Se espalhar na prantação Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu Meu coração Eu te asseguro não chore não, viu Que eu voltarei, viu Meu coração
---	---

ESSA MOÇA TÁ DIFERENTE*Chico Buarque*

Essa moça tá diferente, já não me conhece mais
 Está pra lá de pra frente
 Está me passando pra trás

Essa moça tá decidida, a se supermodernizar
 Ela só samba escondida
 Que é pra ninguém reparar

Eu cultivo rosas e rimas, achando que é muito bom
 Ela me olha de cima
 E vai desinventar o som

Faço-lhe um concerto de flauta
 E não lhe desperto emoção
 Ela quer ver o astronauta descer na televisão

Mas o tempo vai, mas o tempo vem
 Ela me desfaz, mas o que é que tem
 Que ela só me guarda despeito, que ela só me guarda
 desdém

Mas o tempo vai, mas o tempo vem
 Ela me desfaz, mas o que é que tem
 Se do lado esquerdo do peito
 No fundo, ela ainda me quer bem

Essa moça tá diferente, já não me conhece mais
 Está pra lá de pra frente
 Está me passando pra trás

**Essa moça é a tal da janela, que eu me cansei de
 cantar**
 E agora está só na dela,
 Mas o tempo vai, mas o tempo vem

Ela me desfaz, mas o que é que tem
 Que ela só me guarda despeito, que ela só me guarda
 desdém

Mas o tempo vai, mas o tempo vem
 Ela me desfaz, mas o que é que tem
 Se do lado esquerdo do peito
 No fundo, ela ainda me quer bem

CAROLINA*Chico Buarque*

Carolina
 Nos seus olhos fundos
 Guarda tanta dor
 A dor de todo esse mundo
 Eu já lhe expliquei que não vai dar
 Seu pranto não vai nada mudar
 Eu já a convidei para dançar
 É hora, já sei, de aproveitar
 Lá fora, amor
 Uma rosa nasceu
 Todo mundo sambou
 Uma estrela caiu
 Eu bem que mostrei sorrindo
Pela janela, que lindo
 Mas Carolina não viu

Carolina
 Nos seus olhos tristes
 Guarda tanto amor
 O amor que já não existe
 Eu bem que avisei, vai acabar
 De tudo lhe dei para aceitar
 Mil versos cantei pra lhe agradar
 Agora não sei como explicar
 Lá fora, amor
 Uma rosa morreu
 Uma festa acabou
 Nosso barco partiu
 Eu bem que mostrei a ela
O tempo passou na janela
 Só Carolina não viu

ALEGRIA ALEGRIA

Caetano Veloso

Caminhando contra o vento, sem lenço sem documento
No sol de quase dezembro, eu vou
O sol se reparte em crimes, espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas, eu vou

Em caras de presidentes, em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras, bomba e Brigitte Bardot

O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia, eu vou, por entre fotos e nomes
Os olhos cheios de cores, o peito cheio de amores vão
Eu vou, por que não, por que não?

Ela pensa em casamento, e eu nunca mais fui à escola
Sem lenço, sem documento, eu vou
Eu tomo uma Coca-Cola, e ela pensa em casamento
Uma canção me consola, eu vou

Por entre fotos e nomes, sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone no coração do Brasil

Ela nem sabe até pensei em cantar na televisão
O sol é tão bonito, eu vou, sem lenço, sem documento
Nada no bolso ou nas mãos, eu quero seguir vivendo, amor, eu vou

Por que não? Por que não? Por que não? Por que não?
Por que não? Por que não?

À PRIMEIRA VISTA

Chico César

quando não tinha nada eu quis
quando tudo era ausência esperei
quando tive frio tremi
quando tive coragem liguei
quando chegou carta abri
quando ouvi prince (salif keita) dancei
quando o olho brilhou entendi
quando criei asas voei
quando me chamou em vim
quando dei por mim tava aqui
quando lhe achei me perdi
quando vi você me apaixonei

“‘Alegria, Alegria’, bordão do Chacrinha da temporada (ele lançou muitos que entraram na linguagem cotidiana), se tornou o título dessa minha canção projetada para ser um mero abre-alas mas que se tornou o sucesso mais amplo e mais perene entre todas as minhas composições. Isso dentro do território nacional, uma vez que os estrangeiros – mais próximos de mim neste caso – não lhe percebem tanta graça. Sendo que os brasileiros, que nunca a esqueceram, jamais se acostumaram com o título, referindo-se a ela na maioria das vezes, não pelo primeiro verso, nem pelo último, nem mesmo pelo quase-refrão ‘eu vou’, mas pelo pregnant ‘sem lenço, sem documento’, que surge duas vezes, e em posições assimétricas, na mesma letra.”

...

“Eu não estava plenamente consciente de todos os seus aspectos e implicações, mas sabia vagamente que ‘Alegria, Alegria’ era, entre outras coisas, uma espécie de paródia de ‘A Banda’, um aproveitamento mais descarado da oportunidade do festival, trazendo a um tempo mais crítica e mais aceitação do fenômeno TV. Hoje considero muito revelador (mais de minha ingenuidade do que de minha lucidez) o fato de Chico ter se livrado de sua canção-cartão-de-visita como eu não pude livrar-me da minha. Estou certo de que ele não se sentiria especialmente feliz se as pessoas ainda lhe repetissem que ‘A Banda’ é sua melhor música, ou que ligassem seu nome exclusivamente a ela, como frequentemente fazem comigo.”

<https://sobrefatalismos.wordpress.com/tag/midia/>

XOTE DOS POETAS

Zé Ramalho e Capinam

Sonhei com **Pablo Neruda**, em plena praia do futuro
Escrevendo num imenso muro, la palabra libertad
Com poemas de **Vinícius**, en las manos eram hermanos
Recitava **Éluard**
E gente em plena tarde, poetas de todo mundo
Escrevendo por toda parte, la palabra libertad
Voava com **Castro Alves**, **Gregório** também **Gonçalves**
Dias e noites latinas, **Cabral** dançando um frevo
E um cego de improviso, no imenso salão da claridade
Relampejou num sorriso, la palabra libertad
Maracatu de Dona Santa, batutas de São José
Patativa do Assaré, e também **Dodô e Osmar**
Vi Dirceu atrás da grade: abre, Marília, sou eu
Sonhando num céu de fogo, libertas quae sera tamen
E um cheiro de tangerina, descascava **Jorge de Lima**
As invenções de Orfeu, rezava **Murilo Mendes**
Gritava o povo no vale, num muro grande concreto
Gás neon sobre o deserto,
A inscrição liber tarde
Gritava o pé de chinelo, esquentava o boia-fria
Soletrava um pau-de-arara, entre as coxas de Maria
E um prato de feijão, decifrava o analfabeto
A escrita de **Malarmé**, em pleno golpe da sorte
A morte fugiu pra Marte
A vida disse: aqui jazz suíngue por toda parte
Xote, xaxado e baião, o repentista **Azulão**
Anunciou no sertão
A palavra liberdade
Una canción desesperada, duas chilenas amaban
Se fueron com tres donzelas, cuatro muchachas morenas
A las cinco en punto de la tarde, las seis grandes bascas
En siete estrellas tornaron, ocho novias brasileñas
Nueve puñales, diez varandas,
Sangre nel mural de la tarde
La palabra libertad

YOU DON'T KNOW ME

Caetano Veloso

You don't know me
Bet you'll never get to know me
You don't know me at all Feel so lonely
The world is spinning round slowly
There's nothing you can show me
From behind the wall
Show me from behind the wall
Show me from behind the wall
Show me from behind the wall
Nasci lá na Bahia de mucama com feitor
O meu pai dormia em cama, minha mãe no "pisador"

Laia, ladaia, sabadana, Ave Maria...

You don't know me...

Laia, ladaia, sabadana, Ave Maria...

Eu agradeço ao povo brasileiro

Norte, Centro, Sul inteiro

Onde reinou o baião

JACK SOUL BRASILEIRO

Lenine

Jack Soul Brasileiro

E que o som do pandeiro

É certo e tem direção

Já que subi nesse ringue

E o país do swing

É o país da contradição

Eu canto pro rei da levada

Na lei da embolada

Na língua da percussão

A dança mulango denço

A ginga do mango lengo

É o charme dessa nação

Quem foi que fez o samba embolar?

E quem foi que fez o coco sambar?

Quem foi que fez a ema gemer na boa?

E quem foi que fez do coco um cocar?

E quem foi que deixou o oco no lugar?

E que foi que fez o sapo cantor de lagoa?

Diz aí Tião ?

Vai Tião! (oi)

Foste ? (fui)

Compraste ? (comprei)

Pagaste ? (paguei)

Me diz quanto foi ? (foi 500 réis)

Me diz quanto foi ? (foi 500 réis)

Jack Soul Brasileiro do tempero

Do batuque, do truque, do picadeiro e do pandeiro

E do repique, do pique do funk rock

Do toque da platinela

Do samba na passarela

Dessa alma brasileira

Despencando na ladeira

Na zoeira da banguela

JACKSON DO PANDEIRO

O canto da ema - Aires Viana, A. Cavalcanti e João do Vale –

A ema gemeu no tronco do juremau

Foi um sinal bem triste, morena

Fiquei a imaginar

Será que é o nosso amor, morena

Que vai se acabar

Cantiga do sapo - Jackson do Pandeiro e Buco do Pandeiro

É assim que o sapo canta na lagoa

Sua toada improvisada em dez pés

- Tião

- Oi!

- Foste?

- Fui!

- Compraste?

- Comprei

- Pagaste?

- Paguei

- Me diz quanto foi?

- Foi quinhentos réis



PARATODOS

Chico Buarque

O meu pai era paulista, meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro, meu tataravô baiano
Meu maestro soberano foi Antônio Brasileiro

Foi Antônio Brasileiro quem soprou esta toada
Que cobri de redondilhas pra seguir minha jornada
E com a vista enevoadada ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas a viola me redime
Creia, ilustre cavalheiro, contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi, vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro, bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius, beba Nelson Cavaquinho

Para um coração mesquinho contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo, Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Orestes, Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto, Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas, salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethânia, Rita, Clara Euvóe, jovens à vista

O meu pai era paulista, meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro, meu tataravô baiano
Vou na estrada há muitos anos, sou um artista brasileiro

